

JULIANA BARACAT

DE FERENCZI PARA SOKOLNICKA: um caso de herança fantasmática em Psicanálise

Relatório de Pós-doutorado realizado na Universidade
Estadual Paulista (UNESP)- Faculdade de Ciências e Letras- Campus Assis

Supervisor: Gustavo Henrique Dionísio

Processo 4678

ASSIS

2024

SUMÁRIO

1- Descrição da pesquisa.....	3
2- Artigo submetido e aceito para publicação.....	5
3- Artigo submetido (em aguardo de resposta).....	27
4- Considerações finais	50

1- DESCRIÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa que aqui se apresenta teve como origem as inquietações suscitadas durante o desenvolvimento de minha tese de doutorado, cujo objeto de estudo foi a afinidade da concepção de trauma nas obras de Sándor Ferenczi e Jean Laplanche. Durante a realização deste estudo, uma sensação de familiaridade entre o pensamento de Ferenczi e certos aspectos que caracterizam o estilo psicanalítico francês instigaram o desejo de investigar como poderia ter se dado a entrada do autor húngaro naquele país que, como se sabe, foi um dos últimos da Europa a aderir à Psicanálise.

Assim que me deparei com a figura esquecida, senão até odiada, de Eugénie Sokolnicka, cuja trajetória biográfica se articulava aos dois termos de meu interesse: Ferenczi e a França. Desta forma que, findo o doutorado, me dispus a me debruçar sobre esta investigação, cujo alcance foi obstaculizado por algumas dificuldades materiais. A primeira delas foi o fato de parte do material sobre Sokolnicka (produções dela, registros de diários e cartas) terem sido perdidos durante a II Guerra mundial. Além disso, o fato de ter sido uma mulher sozinha e gradativamente isolada do círculo social psicanalítico, inclusive o francês, do qual ela fora uma das fundadoras, cuja consequência direta se expressou pela falta de alguém que resguardasse e protegesse tais documentos.

A segunda dificuldade versa sobre as próprias dificuldades da pesquisa psicanalítica no Brasil, especialmente quando a pesquisadora necessita de recursos financeiros que subsidiem os gastos com viagens e com a tradução de material em outras línguas fora de seu domínio. Como se sabe, os arquivos Freud foram alocados na Biblioteca do Congresso Norte-americano e está sendo gradativamente digitalizado. Porém, os documentos que me interessavam avaliar ainda estão somente no formato físico, o que implicaria no gasto de ou ir até Washington, ou pagar alguém no local que digitalizasse cartas e outros papéis. Outra parte da investigação me dirigia à França e à Sociedade de Psicanálise de Paris, o que implicava na mesma barreira financeira. Além disso, como dito, os idiomas polonês, alemão e húngaro fogem de minha alçada, o que necessitaria maior investimento.

A partir desta barreira inicial, um projeto de pesquisa foi encaminhado à FAPESP que, apesar do parecer favorável, alegou falta de verba para a área de pesquisa em questão. Desta forma, a pesquisa transcorreu com os materiais que pude acessar via internet, através da busca de artigos, a compra de muitos deles assim como de livros que tratem da

autora pesquisada, como também a troca de e-mails que estabeleci com psicanalistas e pesquisadores em diversos países, trajetória descrita no segundo artigo que consta deste relatório.

Desta forma, apresento aqui os poucos resultados obtidos, sendo o primeiro um artigo cujo objeto foi a tradução de um artigo de Sokolnicka sobre um caso de tratamento psicanalítico de um menino de 10 anos, no qual a autora fez uso da técnica ativa proposta por Sándor Ferenczi. O artigo em questão foi submetido e aceito pela Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental e está em vias de publicação ainda este ano.

O segundo artigo, submetido a Revista Psicologia em Estudo, da Universidade Estadual de Maringá, ainda não obteve resposta, mas consta do relatório, pois nele está descrito a trajetória tanto de nossa autora estudada como os percalços da pesquisa em si, cujo caminho descrevi sucintamente acima.

2- Primeiro artigo submetido e aceito

Titulo: Análise de uma neurose obsessiva numa criança- Tradução de um artigo de Eugénie Sokolnicka (1922).

Resumo- O presente artigo tem como objetivo apresentar um dos resultados da pesquisa de pós-doutorado intitulada “De Ferenczi para Sokolnicka: um caso de herança fantasmática em psicanálise”, que busca identificar a influência do psicanalista húngaro na situação francesa inicial da psicanálise através da recuperação do trabalho de sua discípula Eugénie Sokolnicka. Apresentamos a tradução de um artigo inédito em português, no qual a autora relata o tratamento psicanalítico de um menino de dez anos que sofre severos sintomas obsessivos. Deste relato, destacou-se os conceitos ferenczianos de desenvolvimento do sentido de realidade e o papel da onipotência do pensamento, os papel dos sintomas transitórios em análise, uma concepção de pedagogia psicanalítica e a condução do caso a partir da técnica ativa, utilizada pela primeira vez com uma criança.

Palavras-chave: história da psicanálise, psicanálise de crianças, Ferenczi, técnica ativa.

Resumén- Este artículo tiene como objetivo presentar uno de los resultados de la investigación posdoctoral titulada “De Ferenczi a Sokolnicka: um caso de herencia fantasmática em psicoanálisis”, que busca identificar La influencia del psicoanalista húngaro em la situación francesa inicial del psicoanálisis a través de la recuperación de la obra de su discípula Eugénie Sokolnicka. Presentamos la traducción de um artículo inédito em português, em el que la autora relata el tratamiento psicoanalítico de um niño de diez años que sufre de sintomas obsesivos severos. A partir de este informe se utilizan los conceptos ferenczianos de desarrollo del sentido de la realidad y el papel de la omnipotencia del pensamiento, el papel de los sintomas transitórios bajo análisis, uma concepción de la pedagogia psicoanalítica y la conducción del caso a partir de la técnica activa, por primera vez com um niño.

Palabras-clave: Historia del psicoanálisis, psicoanálisis del niño, Ferenczi, técnica activa.

Resumé- Cet article vise à présenter l'un des résultats de la recherche postdoctorale intitulée « De Ferenczi à Sokolnicka : un cas d'héritage fantasmatique en psychanalyse », qui cherche à identifier l'influence du psychanalyste hongrois dans la situation française initiale de la psychanalyse à travers la récupération de l'œuvre de sa disciple

Eugénie Sokolnicka. Nous présentons la traduction d'un article inédit en portugais, dans lequel l'auteur rapporte le traitement psychanalytique d'un garçon de dix ans qui souffre de symptômes obsessionnels graves. À partir de ce rapport, les concepts ferencziens de développement de sens de la réalité et le rôle de la toute-puissance de la pensée, le rôle des symptômes transitoires en analyse, une conception de la pédagogie psychanalytique et de la conduite du cas basée sur la technique active, utilisée par la première fois avec un enfant.

Mots clés : Histoire de la psychanalyse, psychanalyse d'enfant, Ferenczi, technique active.

Abstract- This article aims to present one of the results of the postdoctoral research entitled "From Ferenczi to Sokolnicka: a case of phantasmatic inheritance in psychoanalysis", which seeks to identify the influence of the Hungarian psychoanalyst in the initial French situation of psychoanalysis through the recovery of the work of his disciple Eugénie Sokolnicka. We present the translation of an unpublished article in Portuguese, in which the author reports the psychoanalytic treatment of a ten-year-old boy who suffers from severe obsessive symptoms. From this report, the Ferenczian concepts of developing a sense of reality and the role of the omnipotence of thought, the role of the transient symptoms under analysis, a conception of psychoanalytic pedagogy and the conduction of the case based on the active technique, used by the first time with a child.

Key-words: history of psychoanalysis, children's psychoanalysis, Ferenczi, active technique.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um dos resultados da pesquisa de pós-doutorado intitulada "De Ferenczi para Sokolnicka: um caso de herança fantasmática em psicanálise", que busca identificar a influência do autor húngaro na situação francesa inicial da psicanálise através do resgate da biografia e obra de sua discípula Eugénie Sokolnicka. Trata-se da tradução do relato de um caso conduzido por ela em 1919 e divulgado amplamente na época como pioneiro por utilizar a técnica ativa de Ferenczi

com uma criança. Este foi mencionado por Ferenczi em seu artigo “Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise” (1920/2011), ao salientar a importância do papel dos ganhos secundários da doença como também o aspecto pedagógico do tratamento quando voltado para crianças.

Eugénie Sokolnicka pode ser considerada uma das figuras silenciadas da psicanálise pioneira, cujo esquecimento se reflete nas dificuldades da pesquisa atual em resgatar a produção e dados biográficos da autora, não obstante a importância crucial dela tanto na lida com crianças quanto ao seu papel no estabelecimento da psicanálise em território francês. Nascida Eugenia Kutner na Varsóvia de 1884, graduou-se em Ciências naturais na Sorbonne em 1900 e, logo após o divórcio de um breve casamento cujo sobrenome ela adotou permanentemente, aderiu ao movimento psicanalítico, sendo analisanda de Jung, Freud e Ferenczi, respectivamente (Groth, 2015; Roudinesco, 1989). Este último pode ser considerado seu mentor, cujos relatos de sua relação terapêutica e de amizade podem ser averiguados na correspondência com Freud, que dela nutria profunda antipatia (Moreau-Ricaud, 2011; Brabant; Falzeder; Giampieri-Deutsch, 2000).

Nômade em tempos de turbulências geopolíticas na Europa, Sokolnicka buscou instaurar grupos psicanalíticos na Polônia e na Suíça, empreitadas frustradas, mas que de alguma maneira a encaminharam para a França, país que tardiamente adotou a psicanálise como método legítimo de tratamento psicológico, e cujas dificuldades podem ser testemunhadas pela própria história da autora. Vale salientar que Freud nunca a considerou como sua enviada, apesar de atestar alguma confiança nela por seu talento clínico e compreensão da língua germânica, o que favorecia a transmissão conceitual psicanalítica aos agregados do jovem movimento. Dentre seus pacientes encontram-se artistas e intelectuais da época, como André Gide e Jacques Rivière, como também figuras que se tornariam importantes no movimento francês, como René Laforgue, Edouard Pichon, Blanche Reverchon-Jouve e Sophie Morgenstern- esta última teria um papel importante na formação de Françoise Dolto- entre outros (Groth, 2015; Roudinesco, 1989).

O caso aqui traduzido aborda o tratamento de um menino de dez anos e meio que sofria de uma neurose obsessiva compulsiva, cujos sintomas se estendiam a sua mãe, obrigada a participar dos inúmeros rituais produzidos pela criança. Sokolnicka salienta que o tratamento em si dificilmente poderia ser encarado como uma psicanálise e admite suas falhas no registro deste, o que faz com que desconheçamos onde o tratamento foi

conduzido- já que a família havia fugido de Minsk- assim como outros dados da biografia do garoto e sua família. Apesar da ausência destes detalhes, o caso se tornou famoso na época, tendo sido publicado em revistas especializadas e ter sido romanceado por Gide (2009) em seu livro “Os moedeiros falsos”, no que pode ser encarado como um dos primeiros registros literários da psicanálise .

Aos moldes do Hans de Freud e do pequeno homem-galo de Ferenczi, o menino de Minsk luta contra seus impulsos eróticos masturbatórios e suas relações edípicas, enfrentando a emergência de seus diques psíquicos plasmados numa moralidade rígida, daí o combate rigoroso com seus rituais obsessivos. Frente a isto, Sokolnicka aborda de maneira pedagógica os conflitos da criança, esclarecendo sobre os fatos sexuais da vida e descortinando os temores do menino diante das ameaças reais que se colocaram a sua família. Assim, ficamos sabendo que sua culpa edípica desempenha um papel torturante especialmente após a prisão do pai e do avô numa Minsk dominada pelos bolcheviques (Sokolnicka, ano) .

Das ideias e estilo terapêutico de Ferenczi, o artigo abarca a noção de sintomas transitórios, o aspecto pedagógico da análise, o desenvolvimento do sentido de realidade em conformidade ao desenvolvimento egóico, além do uso da técnica ativa. Após a apresentação da tradução do artigo, iremos tecer alguns comentários acerca desta herança ferencziana presente no trabalho de sua esquecida discípula.

A presente tradução foi realizada a partir do artigo publicado no International Journal of Psycho-Analysis, em 1922 e cotejado com a primeira versão publicada em alemão, no Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse, em 1920. Como dito anteriormente, o artigo provavelmente foi lido e compartilhado amplamente no grupo francês inicial, tanto que foi transposto de forma romanceada no livro de Gide (2009) , que replica falas quase literais do menino de Minsk, como também registrado detalhadamente por Edouard Pichon no necrológio dedicado à Sokolnicka, em 1934.

Análise de uma neurose obsessiva numa criança- Eugénie Sokolnicka

Em abril de 1919, um médico encaminhou um menino de dez anos e meio para uma análise comigo. A criança era pequena para sua idade e muito magra; ele sofria com numerosos sintomas obsessivos. Ele era incapaz de tocar qualquer coisa por si mesmo,

então sua mãe tinha que vesti-lo e alimentá-lo. Se alguém, principalmente sua mãe, tocasse alguma coisa com uma mão teria que retornar o objeto ao seu lugar de origem, sendo o mesmo ato levado a cabo com a outra mão e, finalmente, com ambas as mãos. Ele ficava particularmente sentido se alguém colocasse um objeto ao lado de outro. Ele próprio simplesmente não tocava em nada; se, entretanto, isso por acaso acontecesse, sua mãe teria que realizar o ritual. Em consequência disto, cada ato era atrelado a tantos rituais que, frequentemente, lhe tomavam muitas horas para realizá-los; sua mãe solicitou-me um horário pela tarde pois ela não conseguia deixar o menino vestido e arrumado antes do meio dia e meia. A criança estava literalmente faminta, pois enquanto comia ele cuspiam toda a comida na mão de sua mãe que, uma ou diversas vezes, quando esta não havia sido colocada em sua boca ‘devidamente’. Tanto ele quanto sua mãe tinham que se colocar em certa posição antes de comer; se um pé estivesse a frente do outro, um ritual teria que ser realizado até que ambos os pés estivessem alinhados. Se qualquer coisa ocorresse contrária à sua compulsão, ele literalmente se contorcia de dor. Nestes momentos, ele frequentemente parecia perder a consciência, para depois cair num estado de raiva, se jogar sobre sua mãe, rasgando-lhe as roupas, torcendo-lhes as mãos o mais forte que ele conseguisse, e frequentemente mordê-la (em sua primeira visita a mim, ela me mostrou uma cicatriz em sua bochecha, onde ele a havia mordido); isto tudo terminaria numa espécie de choro convulsivo e ele cairia numa cadeira, exausto. Tais ataques de perda de consciência levaram um dos mais conhecidos neurologistas de Varsóvia ao diagnóstico de epilepsia. Quando foi dito ao menino, após um desses ataques, o que ele havia feito a sua mãe, ele explodia em lágrimas e implorava perdão. Quando consciente, normalmente ele era obediente, uma boa criança, de fato, boa demais. Além dos sintomas compulsivos, ele constantemente sofria com fortes dores de cabeça, como também se queixava de que ‘havia uma pedra em seu peito que se esfregava contra ele’; ele constantemente se sacudia pois a pedra o irritava, e nunca ficava quieto por um instante. Antes de sua doença, ele frequentava uma escola estadual em Minsk, onde ele aprendia muito bem e parecia dotado. Sinto-me bem incapaz de oferecer uma descrição do grau de sua inibição do pensamento; de forma geral ele não conseguia pensar por causa das dores de cabeça.

A doença eclodiu enquanto ele ainda morava em Minsk sob o governo Bolchevique, quando a população e particularmente os Judeus (sua família dentre eles) sofriam experiências terríveis. Seu avô havia fugido antes da tomada Bolchevique e, como consequência, sido multado em 100.000 rublos, de forma que o pai do menino

também fugira da cidade Bolchevique para escapar das perseguições; sua avó havia sido presa, mas logo fora solta novamente. Várias buscas drásticas foram feitas pela casa; em resumo, todos estavam constantemente temendo por suas vidas e isto tinha tido um efeito devastador na sensível criança.

Sua mãe me contara que um dos primeiros sinais da doença se manifestou com a criança constantemente levantando seus pés na rua e olhando suas solas. (Durante a análise, novos atos obsessivos constantemente vinham à luz. Sinto-me incapaz de dizer se todos emergiram como sintomas ‘transitórios’, ou se sua mãe havia se esquecido de mencioná-los no início.) Ele e sua mãe eram literalmente mártires da doença; sua mãe tinha que atravessar todos os seus rituais compulsivos assim como ele, realmente sofrendo assim como ele com sua doença; e neste sentido ele obtinha a quase exclusiva posse dela. Atingiu muito os pais o fato de que, anteriormente, ele amara muito seu pai, sendo amado em retorno, após a doença ele não permitia que seu pai o beijasse, nem sairia com ele ou mesmo ficaria sozinho com ele em casa. Por outro lado, ele não permitia que sua mãe o deixasse por um momento sequer.

O tratamento, que durou ao todo seis semanas, não era uma psicanálise no sentido estrito do termo. O paciente sonhava muito pouco, durante as primeiras duas ou três semanas nenhum pouco, e depois apenas rara e fragmentariamente; naquelas seis semanas ele teve apenas alguns poucos sonhos melhor elaborados tais como aparecem regularmente em outros casos. No início do tratamento eu almejei exclusivamente superar a extrema reserva e a personalidade difícil do menino, assim como sua inibição do pensamento, de forma a me possibilitar estabelecer algum tipo de contato com ele. Minha influência era, de fato, parcialmente analítica e parcialmente pedagógica, apesar de embasada no conhecimento analítico.

Fiquei particularmente impressionada com dois detalhes de seus atos obsessivos. Primeiro, por que o afetava tanto se alguém colocasse um objeto sobre outro, e por que o espaço tinha de estar livre na frente de qualquer objeto o qual teria que ser movido; segundo, por que tudo tinha que ser tocado com ambas as mãos de uma vez, ou então o movimento teria que ser corrigido pelo ritual completo quando o objeto era erroneamente tocado com apenas uma mão. Pedi a ele que me contasse sobre quaisquer ideias que lhe surgissem sobre isto, e se ele sabia de algo sobre a origem de sua peculiar compulsão. Ele me contou que antes de ficar doente, tentara uma vez escalar a janela da varanda que circundava a casa, mas a enfermeira de sua irmãzinha o preveniu de fazer isto, se o fizesse,

Deus o puniria interrompendo seu crescimento. Mas ele subiu mesmo assim. ‘Por que você quer que o espaço esteja livre na frente de algo?’ ‘Se não estiver, a coisa não cresce, e a mão que fez isso irá encurtar. A coisa tem que ser recolocada com a mesma mão, ser retirada de novo e recolocada com a outra mão, e depois novamente com as duas mãos, e daí tudo estará bem de novo’. ‘Você acredita que aí as coisas então crescerão?’ ‘Não, agora não, mas eu já acreditei’.

(A partir disto, estava claro para mim que estávamos preocupados com a quebra de uma proibição e a prevenção de um castigo de Deus. Eu logo aprendi sobre como a criança estava firmemente fixada na crença de sua própria onipotência, e como toda a doença e sua recuperação estavam em seu poder, não no meu).

‘Certo, mas o que faz você forçar sua mãe a fazer isso também; ela não irá crescer mais?’ Eu não me recordo de suas palavras exatas, mas foram para o efeito de prevenir uma doença em sua mãe.

Logo após o início do tratamento, creio que depois de uma semana, me deparei diante de um inesperado obstáculo, a saber, um segredo que a criança não poderia trair, um típico tabu. Era interessante como ele enfatizava que se alguém o soubesse, então não seria mais um segredo e todos poderiam ficar sabendo. Até sua mãe, a quem ele contava tudo, não poderia saber. Ele não deveria falar deste assunto de nenhuma forma, nem porque não deveria contar a ninguém, nem mesmo se sua saúde dependesse disso. Todo meu trabalho direto e indireto nesta direção foram infrutíferos por vários dias; até que finalmente deixei isto de lado e foquei minha atenção em outras coisas. Até aquele momento nada sexual havia sido dito; ele não havia feito perguntas relacionadas a isto apesar de eu tê-lo afirmado que ele poderia me perguntar qualquer coisa e eu responderia todas suas perguntas. Acreditei que poderia descobrir o segredo por este caminho. Logo após isto o menino me contou que o empregado havia se casado e, em consequência, ido embora. ‘O que quer dizer “casar”?’ ‘Você sabe?’ ‘Não, eu não devo saber, eu sou muito pequeno’. ‘Quem te contou isso?’ ‘Eu sei por mim mesmo’. Eu lhe expliquei como isso era falso; queria dizer que ele já tinha algum conhecimento, mas certamente não o real conhecimento. Mas este tipo de conhecimento falso nas pessoas faz com que as coisas pareçam vis sendo que elas não são vis por si mesmas e não poderiam ser, pois nada na natureza é vil. Ao restringir seu próprio conhecimento neste sentido, ele restringia seu conhecimento sobre tudo no mundo; por conta disto ele não poderia aprender e ao tentar não pensar ele dava a si mesmo aquelas enxaquecas. Eu sugeri a ele que transformássemos

aquele assunto vil num assunto científico, e que ele deveria aprender o que outras crianças de sua idade sabiam. A explicação das questões sexuais durou vários dias; comecei com ilustrações sobre a propagação de flores e propus a ele desenhar suas próprias conclusões. Então retornei gradual e discretamente para o segredo, e disse a ele que o havia ajudado o tanto quanto podia, mas agora eu já não sabia mais o que o perturbava. Devia ser o segredo, e devia haver alguma razão para que fosse mantido tão secreto. Ele deveria me ajudar agora para que eu pudesse ajudá-lo depois (ele pareceu mais relaxado neste momento); portanto ele deveria me confiar o 'segredo'. Ele não quis prometer que me contaria no dia seguinte, a honestidade da criança e seu amor pela verdade eram tão grandes que ele nunca prometia nada sem estar certo de poder cumprir sua palavra; ele insistiu que iria pensar sobre até o dia seguinte. Finalmente ele me contou o seguinte segredo: ele tinha um amigo em Minsk chamado Monja, que dissera ter um carro blindado para ser usado contra os Bolcheviques. Dentro deste, havia todo o necessário para derrotar o inimigo e escapar; o carro era conectado a casa de Monja por eletricidade, e apareceria assim que surgisse o perigo. Uma nova versão de 'Table, table, lay yourself' dos contos de fadas, equipado com as mais modernas invenções. Monja pretendia salvar a vida dos seus e da família do pequeno paciente dos Bolcheviques por meio do carro.

Enfim, após tudo, não havia nada sexual; por outro lado, havia um tipo de mágica nisso tudo da qual ninguém deveria ser iniciado, caso contrário, perderia seu poder. Seu amigo era o grande homem nisso tudo, o poderoso mágico. Devo acrescentar que a palavra 'mágica' tinha um grande efeito sobre meu paciente; ele era fascinado por ela como se estivesse esperando por esta palavra por muito tempo. Na interpretação dos sonhos (a qual ele tomou parte avidamente comigo) ele sempre ficava muito satisfeito se houvesse qualquer oportunidade de ver a si mesmo como mágico.

Agora ele falava de Monja incessantemente. Monja sabia de muitas coisas que ele não sabia; ele o havia iniciado (a sua maneira) nos segredos sexuais, por exemplo, ele havia aprendido que as crianças vêm ao mundo 'pelo homem deitar sobre a mulher'. Monja era fisicamente o forte, ele também era insolente e malcriado com seus pais e estava comumente em problemas e apanhando deles; contudo, em relação a isto ele era superior ao menino tímido e obediente que havia sido muito mimado por seus pais, até o momento em que ele desejou ser insolente e malcriado, o que ele conseguia apenas ao perder a consciência. Monja também pôs fogo na imaginação do menino numa direção sádica; ele lhe contou todas as histórias mais conhecidas de detetives- ele era muito

versado nisso- como também sobre terríveis operações cirúrgicas realizadas com enormes facas montadas com molas . Depois da explicação sobre sexo, o menino sempre me perguntava sobre operações durante o parto, fórceps, etc. Uma vez ele disse, ‘Eu conheço um homem que sempre tem que segurar sua cabeça para cima e olhar o céu; será que é porque ele foi tirado da barriga de sua mãe por fórceps?’

Agora, irei descrever como os sintomas gradualmente desapareceram em seis semanas de tratamento. Um sintoma substituiu outro e novos sintomas estavam sempre aparecendo. Muitos sintomas eram edições simplificadas daqueles que haviam desaparecido; por exemplo, se alguém tocasse num pedaço de mobília com uma parte do corpo teria que tocar o objeto com o outro lado, ou, se seu pé chutasse o sapato de sua mãe durante uma caminhada ele imediatamente iria até o outro lado para fazer o mesmo. Por muito tempo ele havia feito movimentos com ambas as mãos em torno de seu nariz; sua mãe me contou que ele copiou isto de uma pessoa insana que ele havia visto em Minsk. Esta pessoa também aparecia em seus sonhos. Por algum tempo ele não permitia que ninguém chegasse perto da cama de sua mãe, na qual ele dormia com ela, pois um lado da cama era próximo da parede. Se alguém tocasse a cama, ele subiria pelo outro lado desta. Por fim, ele acrescentava a cada afirmativa uma nota negativa; por exemplo, dê-me chá, não me dê chá; eu vou, eu não vou; eu entendo, eu não entendo, etc.

Infelizmente, tenho poucas anotações sobre este caso; a primeira se refere a um sonho o qual ocorreu um mês após iniciado o tratamento. Até onde consigo me lembrar o paciente sonhara muito pouco até aquele momento, e uma análise dos sonhos era muito difícil de ser levada a cabo. Eu apenas anotei três sonhos. Eu dependia mais de impressões gerais e lembranças e nos meios pedagógicos que empreguei do que no material psicanalítico. O sintoma de tocar nas coisas devidamente desapareceu logo após a conversa na qual ele revelou sua origem. Naquela ocasião eu tentei explicar a ele o significado da pedra no peito que o oprimia; era sua consciência inquieta, uma representação figurativa da expressão ‘meu coração é como uma pedra’. Este sintoma também desapareceu sem tardar. Foi apenas na última parte do tratamento que consegui desmamá-lo dos ataques de perda da consciência. Logo observei que tais estados eram muito superficiais, e representavam os únicos meios- afora os sintomas, e muito mais simples que estes- de transgredir as proibições parentais. Era apenas travessura disfarçada de perda de consciência, isto é, sua vingança contra a mãe que era safada a ponto de ter feito filhos com o pai. Eu indiquei a ele como era notável que ele, outrora um garoto tão bom, tinha

apenas estes estados de perda de consciência quando agia de forma malcriada como outras crianças, por exemplo, rangendo os dentes, mordendo sua mãe, rasgando as roupas dela, etc. Depois, pedi a sua mãe que lhe dissesse em sua presença tudo o que ele havia feito em seu estado inconsciente, apesar de seu choro. ‘Se você quer ser malcriado, seja conscientemente e tempestivo com sua mãe’, eu disse brincando, ‘Prometo que você será bom novamente quando estiver melhor’. Depois, procurei provar a ele que tais estados eram praticamente puras simulações. Uma vez, eu intencionalmente provoquei um destes estados, e quando ele tentou se jogar sobre sua mãe eu agarrei suas mãos com força e o sentei numa cadeira. Ele gritou como se estivesse possuído ‘Mamãe, mamãe’, mas eu o mantive preso pelas mãos e disse ‘Você não está consciente, mesmo assim chama sua mãe; como você sabe se mamãe não está com você?’ Logo após, eu brinquei com ele e cutuquei seu nariz e ele se defendeu. Depois de ficarmos amigos novamente e ele estar bastante convencido de que eu estava honestamente tentando ajudá-lo e já o havia curado de muitas coisas, eu lhe pedi que fizesse um sacrifício. Eu expliquei a ele que ele tinha realmente duas doenças: uma genuína, que deveria ser tratada medicamente, e outra imaginada, causada por seus pais que facilitavam tudo para a criança doente, pois tinham medo de seu choro e de sua perda de consciência, assim eles gratificavam todos seus desejos irracionais de forma a prevenir tais estados. Porém, este método era prejudicial para uma criança; aprendendo assim a obter proveito e privilégios a partir de uma doença. Esta segunda, não genuína doença, é mais perigosa pois não se pode curar a primeira até que o paciente desista das vantagens de estar doente. Quando se está saudável, há muitos prazeres que podem ser obtidos do que aqueles conquistados com tanta tortura. A criança inteligente compreendeu e acreditou em mim. Propus que fossemos imediatamente até sua mãe (que sempre o esperava na sala ao lado) e ele deveria lhe pedir que não gratificasse mais seus desejos, mesmo que ele perdesse a consciência e a atormentasse quando ela recusasse. Ele estava para renunciar aos privilégios da doença. Foi um tanto tocante observar como ele se esforçou e finalmente concordou. A perda de consciência desapareceu logo em seguida.

De maneira semelhante, eu provoquei a descontinuidade dos atos obsessivos que ele compartilhava com sua mãe. No começo da doença, sua mãe era apenas raramente forçada a participar também de seus rituais compulsivos, mas isto gradualmente aumentou até se tornar quase uma constante. Pouco antes do término do tratamento, eu simplesmente proibi que sua mãe aquiescesse com este aspecto, e lhes disse que ela o fazia pois temia

se opor a ele e desta forma, e ele sabia, havia encorajado muito sua doença. Ele poderia realizar seus atos obsessivos sozinho e isto nós saberíamos como curar, porém eu não desejava tratar sua mãe, assim ele deveria deixá-la em paz. Minha firmeza, em conjunto ao interesse e compaixão que eram prova disso, em contraste com a complacência dos pais, triunfou novamente desta vez.

Agora irei citar os três sonhos que anotei, desde que eram característicos da doença.

O primeiro sonho prova novamente a real natureza da vangloriada inocência das crianças, e como eles realmente assimilam tudo apesar das mais fortes proibições.

Três meninas estavam sentadas num carrinho de bebê com véus brancos sobre suas cabeças. Um homem afastou alguns meninos.

Durante a análise do sonho ele acrescentou: O carrinho andava sozinho.

Associações. Uma das meninas era parecida a uma garçonete de um restaurante pelo qual ele tinha que passar por ao vir me ver. Garçonetes são ‘mulheres más’, são bestiais. Sua mãe uma vez contou a seu pai que ela encontrou um jovem na rua, andando com três garotas; ele era filho de um de seus conhecidos e um doidivanas. Seu pai disse, ‘A besta suja’. Ele sabia o que seu pai pensara, o jovem fazia ‘aquilo’ com as garotas.

Véus. São usados em casamentos. Ao vir me ver na quinta-feira santa ele havia visto uma menininha indo a uma procissão, vestida de branco e usando um véu branco; o homem com ela era parecido com aquele que afastava os meninos no sonho.

No dia anterior ele também havia sonhado com um carrinho de bebê, e havia pedido a sua mãe que comprasse um para que ele levasse sua irmãzinha para passear nos feriados de verão. Ele também disse que o carrinho no sonho tinha apenas três rodas, e que havia alguns como aquele, que tem uma na frente e duas atrás.

O sonho é bastante claro. Dois fatos podem ser derivados das três em uma no carrinho de bebê. (1) As três meninas eram as mulheres que viviam com a ‘besta suja’. (2) Todas as três estavam vestidas de branco como a menina na procissão, tal qual noivas num casamento, simbolizando inocência. Concluimos, portanto, que se trata do desprezo da ‘inocência’. O ponto central da condensação é o carrinho de bebê, o qual o lembrava do carrinho de sua irmã que era empurrado por sua mãe; a mãe é a ‘besta suja’, ou seja, a garçonete que ele vê ao vir até mim. Assim, o desprezo se refere à inocência da mãe, ao segredo do vestido nupcial. O homem parecido com aquele que estava levando a menina

a procissão era nada menos que aquele que acompanhava as ‘inocentes’ ‘bestiais’ garotas, isto é, seu pai, aquele que o impedia de ter relações sexuais com sua mãe, ou seja, ‘afastava os meninos’. O sonho indicava raiva contra os pais que procriaram sua irmãzinha.

Os detalhes das três rodas e o “ir sozinho” do carrinho de bebê (?=onanismo) não foram elucidados.

O segundo sonho, o qual ocorreu cerca de dez dias antes do término do tratamento, foi o seguinte:

‘Alguém tocou a mão de papai e esta se encolheu e paralisou. Não, não de papai, de alguém; sim, era papai. Eu não sei se era papai ou outra pessoa. Depois eu, mamãe, papai e minha irmãzinha fomos colocados em linha (descreve exatamente como) e um homem tocou ambas minhas mãos e elas se encolheram e paralisaram. Papai disse a este homem em Hebreu: “Aí está ele novamente” Eu gritei com muita dor, “Como sou infeliz!” e caí sobre uma cadeira. Ele acordou com tanto medo que despertou sua mãe e não a deixou dormir novamente. Depois, ele acrescentou, ‘Me parece que eu pensei outra coisa. Alguém, talvez fosse vovô, quis trapacear um homem com algum poder; o gás, telefone, 100.000, isto era o poder’.

Durante a análise ele disse vagamente que no sonho papai também era curado pelo toque.

Associações. Ele começou por dizer que já sabia que havia sido novamente um mágico no sonho.

O homem que tocou ambas suas mãos usava um casaco forrado de pele como um que ele queria para o próximo inverno; a boina do homem era como sua boina escolar. Definitivamente o homem era ele. Seu avô uma vez dissera brincando, ‘Um menino grande como ele agora poderia ajudar seus pais’. Agora, ele se mostrava realmente adulto no sonho. O homem também se parecia com um oficial que tinha relações com os pais de um colega de escola; este homem fora preso pelos Bolcheviques e condenado a um ano de prisão, mas escapou. Os Bolcheviques multaram o avô ausente do paciente em 100.000 rublos, depois prenderam sua avó, mas imediatamente a liberaram. Seu pai tivera que fugir pois teria sido perseguido no lugar de seu pai. Seu pai uma vez usara as mesmas palavras como no sonho para sua mãe, quando o menino continuamente se colocava na posição de impedir o pai de escrever.

Havia uma mulher insana que andava por Minsk. Dizia-se que se ela tocasse ou cuspsisse na mão de alguém, este ficaria doente, assim como ele e seu pai no sonho. Ele sempre tivera muito medo dela, mas as outras crianças a caçoavam.

‘Estou tão triste’, ele frequentemente dizia quando se sentia muito torturado pela doença. No sonho ele também não conseguia pronunciar as palavras adequadamente, assim como uma pessoa abobada de Minsk que podia gritar e assim mesmo não pronunciava nada.

Ele nunca havia visto a pessoa que tocara em seu pai. Por outro lado, ele sabia que seu pai havia sido curado também por contato. Quando as crianças retornaram de Minsk com sua mãe, seu pai estava bastante perturbado por conta de sua doença, e agora seu pai estava satisfeito com sua melhora.

Eu apenas interpretei o sonho de maneira geral para o paciente. Era ele, conforme uma vez ele adivinhara que realizava a mágica. Mas como ele o fez, e qual mágica? O ‘alguém’ e o ‘homem’ era ele próprio; isso ele compreendeu claramente a partir das associações. Como este homem ele realizou dois atos. Primeiro, ele praticou mágica com seu pai e o deixou doente ao mesmo tempo, e neste papel ele representa a si mesmo como adulto. Ele também identificou seu pai e seu avô, já que ambos foram ameaçados pelos Bolcheviques (os oficiais da prisão). Segundo, ele praticou a mágica em si mesmo, com poucas distorções; ele é o menino danadinho que intencionalmente deixa seu pai bravo ao impedi-lo de escrever. Neste papel ele é superior a seu pai; na realidade também a saúde de seu pai depende dele, como ele me explicou. Ele pode realizar rituais mágicos conforme ele o faz em sua doença, os quais seu pai não pode fazer. Havia uma ideia de que ele estava bravo com seu pai, entre as quais ele estaria doente de forma a atormentar o pai. Mas o por quê da raiva, por que ele estava tão furioso, sendo ele o grande poderoso? No sonho ele apenas inverteu a real ordem das coisas; num momento seu pai era o homem forte, o grande mágico que detinha o poder sexual secreto (em seu pênis) o qual já conhecemos. Ele deixou seu filho furioso por conta disto, como já sabemos. Em minhas poucas anotações eu não marquei se falei de masturbação neste ponto, mas é altamente provável, desde que durante o tratamento surgiu o fato de que ele tinha se masturbado antes da doença em Minsk, mas desistiu após sua mãe ameaça-lo de que isto o tornaria doente. Este já era o segundo período de masturbação, tal como recordo. O primeiro período foi quando ele tinha quatro anos e naquela época sua mãe lhe disse que ele deveria sempre deixar as mãos sobre as roupas de cama. Com qual clareza eu lhe expliquei sobre o medo da castração e o quanto esta explicação está em conexão com o sonho, teria sido uma

excelente oportunidade, eu não me lembro, o que prova que pouco falamos sobre isto. Ele repetiu a mesma inversão em relação ao avô, que desejava trapacear ‘alguém’ de grande poder (gás, telefone, 100.000); ele desejava trapacear os fortes homens adultos desta maneira. Não era ele e sim seu avô que tinha os 100.000 rublos; mas do que ele havia trapaceado alguém era muito suspeito. Apenas os adultos detinham o real poder sexual; sua mágica (onanismo) o qual originara sua sede de vingança, seus desejos malvados contra seu pai e seu avô o fizeram infeliz, o paralisou como uma pessoa insana e o deixou simplesmente doente, como o homem abobado.

Durante a interpretação do sonho e especialmente na segunda parte ele se tornou cada vez mais desconfortável e continuamente perdia a consciência, ou então repetia ‘Sim- não’, como também que ele queria ir ao campo e perguntava quando eu o deixaria ir, etc.

Eu apenas vou acrescentar alguns comentários já que este sonho é muito característico dos atos obsessivos do paciente. Mais do que tudo, trata de seu medo da castração. Ele provavelmente havia ouvido ameaças de castração de seu pai e avô, já que viviam todos juntos em Minsk como também antes da guerra. Se não, é meramente em relação a seu pai e ao fragmento o qual faz referência ao avô, o qual desejava trapacear-lo tirando seu poder, era apenas uma alusão a qual deveria estar necessariamente no início do sonho. Por que ele praticou mágica com seu pai, isto é, desejou fazê-lo adoecer? Ele faz um deslocamento aqui: ‘Talvez fosse o avô’. Ele faz tudo melhor que o pai: ele inventa a mágica pela qual ele faz tudo sozinho (onanismo), e depois o cerimonial o qual alude à paralisia das mãos. Contudo, ele recebe dois novos pênis ao invés de ser castrado. (No sonho, ele pratica mágica em apenas uma das mãos do pai, mas em ambas as suas. A mão é um mero símbolo do pênis. E outras coisas, duas mãos, ambos os lados do corpo, ele utiliza em todos os seus rituais compulsivos.) Isto parece ser apenas a repetição dos detalhes do primeiro sonho: uma roda, duas rodas, autopropulsão.

A questão ainda se mantém: qual a origem do imenso terror no sonho o qual o previne de dormir e faz com que ele mantenha sua mãe acordada? A origem estaria no material profundamente adormecido no inconsciente? Não, este provem da aproximação do reconhecimento do próprio mecanismo da doença, o qual abarca uma saída no sonho. A coisa toda não era mágica genuína de sua parte, mas uma trapaça mal conduzida a qual o fez infeliz.

Após dois dias, ele sonhou:

Papai fora a Minsk e recebera quatro meses de licença. Mamãe e ele corriam continuamente subindo e descendo as escadas. Várias mulheres desenhadas no quarto onde os homens eram inspecionados.

Associações. Seu pai fora a Minsk, mas foi dispensado por conta de um catarro crônico.

Mais de três meses de licença nunca era concedido no exército russo, mas ele pensou que talvez quatro meses de licença foram dados.

As mulheres desenhadas eram esposas e mães que esperavam por seus respectivos maridos e filhos que foram inspecionados.

Interpretação. Eu expliquei a ele o significado dos quatro meses de licença. Como o máximo concedido eram três meses de licença, no quarto mês seu pai provavelmente estava no front. O que acontece no front? Com alguma clareza, ele respondeu que alguém poderia morrer no front. Sua mãe não estava entre as mulheres esperando pelo marido, já que estava subindo e descendo as escadas com ele. Expliquei a ele o significado de ‘subir as escadas’. Ele não revidou, mas na sequência começou a me contar todas as histórias de detetive que Monja lhe contara, de Sherlock Holmes, Arsène Lupin e Pinkerton, e as impressões que os contos lhe causaram, e como a mãe de Monja o repreendeu por isso, e como Monja costurara duas máscaras de veludo para eles como aquelas usadas por bandidos nas histórias.

No dia seguinte, sua mãe me contou que o menino passara o dia todo assustadoramente nervoso, e reclamara que eu tentara persuadi-lo de que ele queria matar seu pai ou que ele desejara que seu pai fosse morto. Ele acrescentou enfaticamente (quando comigo) ‘Eu nunca serei convencido de que eu pensei isso’. Depois, traçou conclusões sobre coisas que eu apenas havia sugerido.

Como eu já havia dito, novos atos obsessivos estavam constantemente substituindo aqueles que desapareceram durante o tratamento. Se eram produzidos transitoriamente ou apenas revividos, eles eram definitivamente característicos dos diferentes estágios da cura. Eles se tornaram mais e mais simples; os sintomas obsessivos eram apenas aparentemente complicados como um todo, fundamentalmente eles eram um tanto unitários. Seu ponto de partida era a “transgressão” (passando por cima) de uma proibição (escalando uma janela ao invés de entrar pela porta), os quais originalmente concerniam ao onanismo. As coisas comuns a todos os atos obsessivos eram, (1) Tocando; o ato

mágico ou um encantamento, o qual torna possível a transgressão da proibição (=onanismo, como um substituto do ato sexual). (2) O ritual; a mágica desencantadora, o qual prevenia as consequências do tocar (=castração e doença, como resultado do onanismo).

É interessante notar que a última obsessão se manifestou como a constante negação de algo que ele havia dito (iria, não iria, mesa, não mesa, etc.). Esta parece ser a mais extrema expressão de sua versão simplificada disto, o núcleo da própria ambivalência. Alguns dias antes do término do tratamento, i. e. antes dele partir para seu feriado de verão, eu o pedi que me explicasse por que ele adicionava o ‘não’ antes de tudo que dizia. Ele explicou: ‘Se, por exemplo, mamãe esquece de me dar chá eu falo ‘mamãe, dê-me chá’ e depois acrescento “não me dê chá”. É como se eu não tivesse dito nada, e mesmo assim mamãe sabe que deveria me dar chá’. Não é esta explicação uma bela contribuição para a psicologia da origem dos atos obsessivos?

Um dia antes de sua partida, após uma despedida um tanto tocante, eu lhe pedi que me promettesse se vestir sozinho no campo, assim como tocar em tudo. Ele não prometeu isso, já que para o honrável jovenzinho uma promessa significava a palavra de honra, ele apenas disse que faria o melhor para alcançar meu desejo. Sua mãe veio me ver algumas semanas depois e disse que seus esforços foram bem sucedidos. Ela ainda disse que minha autoridade fora tão grande que poder-se-ia fazê-lo realizar qualquer coisa usando meu nome, um resultado o qual deve ser atribuído antes e principalmente ao processo de derrubada da estrutura da doença, a qual ocorreu sem nenhum traço de vergonha. Sua mãe contou que em outros aspectos o menino passava muito bem; às vezes traços da antiga doença podiam ser observados, não obstante não havia nada a relatar. Em geral, ele estava feliz, tornando-se cada vez mais destemido e parecia muito bem. Algumas semanas depois, a mãe telefonou novamente para me ver com o garoto, mas eu estava de férias. Eles também ligaram para o médico que o encaminhara a mim, e ele achou o menino muito bem. O tratamento deveria ter sido continuado após as férias de verão; até agora estou incerta da cura ter sido completa ou permanente. Contudo, eu não o vi desde então, o que indica que ele se mantém satisfatoriamente, até porque não há dúvida de que os pais- que eram judeus pouco educados- teriam, de outra forma, temido que eu não tivesse feito o melhor e teriam insistido na continuação do tratamento.

Eu frequentemente me pergunto como o rápido desaparecimento da condição aparentemente séria do paciente pode ser explicada, e cheguei às seguintes conclusões.

Apesar da forte disposição constitucional da criança, a neurose obsessiva não teve tempo suficiente para se tornar um sistema estabelecido; primeiro porque o paciente era tão novo, em segundo porque logo ele veio a tratamento- seis meses após seu desenvolvimento. Tudo o mais na doença, fora a neurose obsessiva, era simplesmente mal criação, a qual se escondeu covardemente por trás dos componentes histéricos, os quais sempre acompanham a neurose obsessiva em maior ou menor grau.

O sucesso do tratamento, o qual se deve mais ao método pedagógico-psicológico, foi auxiliado pelo insight fornecido pelo conhecimento psicanalítico, do que por uma análise metódica, me permite compreender os meios pelos quais outras psicoterapias fora da psicanálise obtêm resultados similares. O fator principal em toda cura mental e pedagógica bem sucedida é sempre a transferência, mesmo quando usada por médicos e educadores sem sistematização ou inconscientemente. A psicanálise tornou isso possível, por meio da sistematização da transferência e da associação livre, a fim de trazer a consciência o material reprimido. Se a estes agentes curativos adicionarmos o grande esforço pedagógico como uma segunda vantagem sobre a doença nós não apenas teremos enriquecido o equipamento da terapêutica psicanalítica, como provavelmente tornaremos tudo que encontrarmos em outros métodos de cura como algo útil para favorecer nossos propósitos.

Comentário teórico

O caso em questão recebeu muita atenção na época pelo já mencionado uso da técnica ativa elaborada por Ferenczi num caso com criança. Tal técnica foi elaborada pelo autor a partir de suas preocupações clínicas em relação ao alcance do tratamento psicanalítico, já que Ferenczi há tempos notava que alguns pacientes se mostravam refratários ao trabalho baseado na rememoração e na associação livre. Desta forma, inspirado pela apresentação do caso do Homem dos lobos por Freud, Ferenczi ousa em adotar a iniciativa de impor ou proibir atos aos pacientes, atos anteriormente percebidos durante as sessões de análise e que denotavam o uso da energia libidinal em prol da satisfação sintomática. Em *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise (1920/2011)*, o autor ilustra sua concepção com base no caso de uma pianista inibida que frequentemente adotava posturas físicas e gestos ao longo da sessão que indicavam ao

analista o movimento pulsional autoerótico em paralelo ao bloqueio do discurso associativo.

Ao adotar imposições de confronto do objeto fóbico ou proibições de tais atos autoeróticos, Ferenczi (1920/2011) favorecia a religação da energia libidinal, reorientando-a para o trabalho psíquico; em outras palavras, ao barrar o uso autoerótico da libido abria-se as vias para a associação livre. Isto nos indica que Ferenczi atentava sensivelmente para formas de expressão que iam além da linguagem, abarcando os gestos, maneirismos, posturas e expressões corporais- tais como o bocejo, os gases intestinais, sensações de vertigem, entre outras- como manifestações expressivas do campo psíquico e pulsional do sujeito (Câmara, 2021).

No caso, Sokolnicka intervém ativamente sobre seu jovem paciente ao desvendar o uso que o menino fazia de seus desmaios a fim de angariar a posse praticamente exclusiva de sua mãe, numa espécie de chantagem emocional, a qual vinha funcionando a favor de seus sintomas obsessivos, os quais ligavam-se tanto a sua culpa pela atividade masturbatória quanto aos ensejos possessivos em relação à mãe. Ou seja, os conflitos edípicos articulados e postos à prova pela realidade material, que de fato surgia como a própria realização do desejo da criança, encarnado na figura dos Bolcheviques, que vinham tirar o pai de seu caminho.

Além desta técnica, observamos outras concepções e ideias de Ferenczi presentes na abordagem da analista na condução do tratamento. Primeiramente a noção de sintomas transitórios, abordados por Ferenczi em 1912 no trabalho *Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise* (2011). Neste, o autor identifica a plasticidade dos sintomas neuróticos durante o trabalho analítico, atuando sobre a expressão dos afetos, num movimento libidinal que manifestariam tanto a transferência do sujeito quanto suas resistências. Assim, a transitoriedade sintomática seria colocada em ação como bloqueio ao processo associativo, de forma a disfarçar os conteúdos recalcado em vias de emergência e deslocar o afeto ligado a estes, escoando-os de outra maneira. Para Ferenczi, a percepção do movimento desempenhado pelos sintomas transitórios poderia esclarecer ao psicanalista sobre as condições patogênicas da formação dos sintomas, como também indicar um caminho possível para sua diluição.

No caso de Sokolnicka, os sintomas transitórios do garoto colocam-se em ação logo no início do tratamento, observados por ela tal como resistências que se produziam

incessantemente, substituindo sintomas pré-existentes, na manutenção daquilo que ela identifica como o “segredo” de seu paciente. Neste aspecto, o caminho escolhido pela analista foi atuar pedagogicamente, ao abordar diretamente o garoto sobre as questões voltadas para a sexualidade humana, temática expressa nos diálogos entre eles e que ela sensivelmente notou absorver o psiquismo do menino. Assim, as conversas engendradas em torno de casamentos, mulheres “vis”, cesarianas e fórceps, direcionam a analista para o problema masturbatório e sua conseqüente culpa, ambos plasmados na série de rituais obsessivos produzidos pelo garoto.

Quando o pai e o avô do menino são presos pelos bolcheviques, a criança vê sua culpa potencializada, momento em que recorre à onipotência psíquica ainda típica de sua idade para, por “mágica”, recuperar o pai e restaurar a ordem familiar. A ideia de onipotência, que ocupa grande parte dos desdobramentos da análise, seria outro conteúdo presente no pensamento de Ferenczi que se mostra fundamental à compreensão de Sokolnicka dos dilemas de seu jovem paciente.

Em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913/2011), Ferenczi apresenta seu visionarismo ao elaborar como a criança, a partir de sua origem parasitária no útero materno, vai gradativamente apreendendo e se adaptando a árdua realidade da vida, desligando-se do princípio do prazer e aderindo ao princípio de realidade. Assim, no início teríamos o sentimento de onipotência como amparo perante o desprazer produzido pela realidade externa, concreta e árdua. Neste percurso, a criança recorreria a suas potencialidades, a princípio precárias, para lidar com as crescentes dificuldades que a vida lhe impõem, expressando seu sofrimento de acordo com suas possibilidades. O choro, os gestos e o pensamento mágico seriam os caminhos adaptativos conforme o desenvolvimento psicofísico da criança, de maneira a compensar o equilíbrio entre os desprazeres impostos pelo mundo externo e o prazer da realização dos desejos, ainda que de forma ilusória. Ademais, salientamos que a transição entre princípio do prazer e princípio de realidade, tal como Ferenczi os apreende, não ocorre de forma linear e sim entre idas e vindas, abarcando toda ambivalência que marca a relação paradoxal do sujeito com o outro da relação, seja este um outro concreto, o desejo inconsciente ou a realidade material.

O problema da adaptação do sujeito ao mundo externo ocupou grande parte das preocupações de Ferenczi plasmadas na temática do trauma que viria a caracterizar seu pensamento. De acordo com Pinheiro (1995), o interesse do autor pelo trauma aponta

para uma concepção acerca dos fatores exógenos que viriam a abalar o funcionamento psíquico, o qual teria que remanejar plasticamente saídas possíveis para metabolizar os excessos libidinais engendrados. Para a autora, o trauma no pensamento de Ferenczi acarreta um duplo aspecto: os traumas estruturantes que contribuem para o desenvolvimento psíquico, tais como aqueles ofertados pela educação formal e informal; os traumas desestruturantes, oriundos da violência do desejo do outro, desejo em geral perverso, que marcariam o sujeito gerando uma série de efeitos deletérios, descritos por Ferenczi como uma progressão traumatogênica.

Não obstante, o autor seja mais reconhecido pelas contribuições clínico-teóricas acerca do segundo tipo de trauma, o trauma estruturante figura em grande parte de sua obra, através da preocupação e interesse que o autor nutria pela criança. Assim, o problema da transitoriedade dos modos de apreensão da realidade material entre prazer e desprazer ganharia contornos mais precisos somente em um texto de 1926, O problema da afirmação do desprazer, no qual Ferenczi sugere como a dupla negação das inúmeras fontes de desprazer produzidas pela relação do sujeito com a vida teria como horizonte sua afirmação no sentido de um reconhecimento, não sua aceitação resignada. Porém, este texto só viria a ser produzido após o tratamento realizado por Sokolnicka, o que nos faz indicar, apenas, como tais percepções acerca deste dilema estavam presentes em Ferenczi e, aqui no caso, sua discípula.

No caso do menino de Minsk, vemos como o pensamento mágico atua tanto como um escudo protetor de forma a apaziguar a angústia edípica em relação a sua ambivalência perante a figura do pai e como meio de punição pela atividade masturbatória que, no menino de dez anos, já estava amplamente contaminada pela moral puritana da época. E aqui entra o aspecto pedagógico do tratamento mencionado por Sokolnicka ao final do artigo.

Para Ferenczi, o problema da pedagogia mobilizou sua atenção desde tempos pré-psicanalíticos, como atesta seu breve artigo *Leitura e saúde* (ano). Porém, é em *Psicanálise e pedagogia* (1908/2011) que o autor indica plenamente sua proposta do que deveria ser uma pedagogia para a saúde: a da verdade. Isto porque a educação formal ensina à criança a mentira e a hipocrisia, ao nomear aquilo que lhe é interessante e prazeroso como coisas ruins e perniciosas. Ao recusar o que atesta as vivências da criança e movido pela cegueira introspectiva, o adulto ensinaria a criança a mentir para si mesma, negar suas emoções e adaptar-se a mentalidade padronizada. Para o autor, a psicanálise

viria a operar uma transformação no sentido de uma pedagogia da verdade ao proporcionar aos indivíduos uma “ruptura com os preconceitos que entravam o autoconhecimento, a compreensão dos motivos até então inconscientes e a possibilidade de um controle dos impulsos que se tornaram consciente” (p. 43-44).

É o que atesta sua aluna Sokolnicka ao acolher as dúvidas e temores incorporados pelo menino de Minsk, ao dizer-lhe a verdade sobre os “fatos da vida”: oferece-lhe explicações, mostra-lhe livros, desenha para ele e o faz desenhar, favorecendo vias de tradução para o excesso pulsional da criança e possibilitando a ele usar da plasticidade da expressão para dar um rumo diferente a seu arcabouço de impressões.

3- Segundo artigo (em avaliação)

Título: De Ferenczi para Sokolnicka: um caso de herança fantasmática em Psicanálise

Resumo: Este estudo visou, por meio de uma pesquisa histórica, produzir um ensaio biográfico sobre Eugénie Sokolnicka, ex-paciente de Freud e discípula de Ferenczi, pioneira da psicanálise na França, cuja atuação didática se expressa em suas comunicações e nas análises que realizou. O método deste trabalho precisou ser pensado diante da ausência de fontes primárias de dados, visto que grande parte dos documentos dessa autora foram perdidos ou se encontravam inacessíveis. Optou-se, portanto, pelo uso de métodos complementares: o método indiciário, o método sobredeterminante e a análise conceitual. Como instrumento de análise foram utilizadas as dimensões vertical e horizontal do objeto fenômeno, a primeira relacionada a temporalidade que marca a transmissão em psicanálise e seus retornos, e a segunda relacionada ao espaço, que engloba o contexto em si e as relações transferenciais. Os resultados foram organizados em dois momentos: primeiramente, retoma-se a história de vida de Sokolnicka, caracterizando o contexto cultural da França da época: misógina, antissemita e contrária a análise leiga, sendo que Sokolnicka encarnou em si várias categorias marginalizadas: judia, divorciada e analista leiga. Após, aborda-se sobre a transmissão do ensino da psicanálise a partir de um estilo ferencziano condensado em Sokolnicka, que se caracteriza como: um senso gregário e heterodoxo, a problematização das regras e técnicas, uma concepção de cuidado acolhedor e a experimentação clínica. Desta maneira, insere-se este estudo às contribuições mais recentes a história da psicanálise, especialmente no que diz respeito à herança ferencziana, a qual engloba pesquisas sobre o fazer de suas pacientes e discípulas.

Palavras-chave: História da psicanálise; antissemitismo, mulheres.

Abstract: This study aimed, through historical research, to produce a biographical essay on Eugénie Sokolnicka, former patient of Freud and disciple of Ferenczi, pioneer of psychoanalysis in France, whose didactic performance is expressed in her communications and in the analyzes she carried out. The method of this work needed to be considered given the absence of primary data sources, as a large part of this author's documents were lost or were inaccessible. It was therefore decided to use complementary methods: the indicative method, the overdetermining method and conceptual analysis. As

an analysis instrument, the vertical and horizontal dimensions of the phenomenon object were used, the first related to the temporality that marks the transmission in psychoanalysis and its returns, and the second related to space, which encompasses the context itself and the transference relationships. The results were organized in two moments: firstly, Sokolnicka's life story is revisited, characterizing the cultural context of France at the time: misogynistic, anti-Semitic and contrary to lay analysis, with Sokolnicka embodying in herself several marginalized categories: Jewish, divorced and lay analyst. Afterwards, the transmission of the teaching of psychoanalysis is discussed from a Ferenczian style condensed in Sokolnicka, which is characterized as: a gregarious and heterodox sense, the problematization of rules and techniques, a conception of welcoming care and clinical experimentation. In this way, this study is part of the most recent contributions to the history of psychoanalysis, especially with regard to the Ferenczian heritage, which encompasses research on the actions of his patients and disciples.

Keywords: History of psychoanalysis, antisemitism, women.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo, a través de una investigación histórica, producir un ensayo biográfico sobre Eugénie Sokolnicka, ex paciente de Freud y discípula de Ferenczi, pionera del psicoanálisis en Francia, cuya actuación didáctica se expresa en sus comunicaciones y en los análisis que realizó. La metodología de este trabajo fue considerada dada la ausencia de fuentes de datos primarias, ya que gran parte de los documentos de este autor se perdieron o quedaron inaccesibles. Por ello se decidió utilizar métodos complementarios: el método indicativo, el método de sobredeterminación y el análisis conceptual. Como instrumento de análisis se utilizaron las dimensiones vertical y horizontal del fenómeno objeto, la primera relacionada con la temporalidad que marca la transmisión en psicoanálisis y sus retornos, y la segunda relacionada con el espacio, que abarca el contexto mismo y las relaciones de transferencia. Los resultados se organizaron en dos momentos: en primer lugar, se revisa la historia de vida de Sokolnicka, caracterizando el contexto cultural de Francia en ese momento: misógino, antisemita y contrario al análisis laico, con Sokolnicka encarnando en sí misma varias categorías marginadas: judía, divorciada y analista laico. Posteriormente, se discute la transmisión de la enseñanza del psicoanálisis desde un estilo ferencziano condensado en Sokolnicka, que se caracteriza por: un sentido gregario y heterodoxo, la problematización de reglas y

técnicas, una concepción del cuidado acogedor y la experimentación clínica. De esta manera, este estudio forma parte de los aportes más recientes a la historia del psicoanálisis, especialmente en lo que respecta a la herencia ferenciana, que abarca las investigaciones sobre el accionar de sus pacientes y discípulos.

Palabras clave: historia del psicoanálisis, antisemitismo, mujer.

Introdução

A pesquisa em questão visou produzir um ensaio biográfico sobre Eugénie Sokolnicka. Sokolnicka figura entre algumas das pacientes de Sándor Ferenczi que entraram para a história oficial da psicanálise ao serem representadas de forma obscura e negativa. Como Elisabeth Severn, chamada por Freud de “o gênio do mal da psicanálise”, ou Clara Thompson, envolvida no famoso “incidente do beijo”, que seria mais um estopim na relação já conturbada entre Freud e Ferenczi durante a década de 1930. Sokolnicka também era uma figura considerada nefasta, desagradável e insuportável, apesar de seu reconhecido talento.

A pesquisa contemporânea acerca de Ferenczi tem investido na historiografia não só do autor, como também de suas pacientes, dado o experimentalismo técnico que ele engendrou, não sem a ajuda delas. Nesta via que Rachman (2018) reexamina a participação e produção psicanalítica de Severn, indicando sua forte atuação na elaboração da técnica da análise mútua e da neocatarse. Já Lugin (2017) lança a hipótese de que tais técnicas teriam sido iniciadas durante a análise de Sokolnicka com Ferenczi, reconhecendo nas pacientes uma forma de colaboração ativa na pesquisa psicanalítica pioneira.

É necessário dizer que ao lidar com os aspectos históricos das origens do pensamento psicanalítico, uma série de riscos são convocados, os quais a pesquisadora deve ter em mente para não incorrer em exageros, hagiografias ou fortalecer confusões obviamente engendradas a partir do próprio entrecruzamento transferencial que estuda, e de certa forma da qual possa estar contaminada (Kupermann, 1996). Digo isto, pois ao se debruçar sobre a relação histórica entre Freud e Ferenczi (Baracat, 2022; Baracat, Abrão, & Martinez, 2017; Haynal, 2002; Naszkowska, 2024), e ao analisar as obras produzidas até então, pode-se verificar o campo minado que se antevê quando propomos analisar nossos mestres, indicar suas falhas pessoais e suas atitudes autoritárias. Penso que este processo não deve ser tratado como uma maledicência ou uma mancha em suas reputações, mas

sim resgatar o aspecto humano que atinge a todos, inclusive o psicanalista. Reconhece-se que Freud não gostava de Severn, nem de Thompson, muito menos de Sokolnicka, apesar do apoio indireto que, como veremos, possibilitou a ela participar do grupo pioneiro francês. Percebe-se então um lado incômodo do pai-criador, seu lado misógino e autoritário, seu crescente desconforto com a clínica, especialmente após a descoberta do câncer que o mataria, tal como a pesquisa sobre sua relação com Ferenczi e as contínuas confusões de línguas suscitadas nesta não deixam de indicar.

Parece que o “truque” para evitar julgamentos pessoais e demonizações venha justamente do exercício da própria neutralidade do analista, a qual implica a suspensão do juízo moral. Ou seja, o propósito aqui não é injuriar a Freud e outros participantes desta teia de relações históricas, mas sim lançar luz aos motivos pessoais, os jogos de poderes e mecanismos de segregação que atuaram, e ainda atuam, nas instituições psicanalíticas, num movimento de desfazer as assombrações do passado para com elas aprender e evitar tais movimentos no futuro (Frosh, 2018). Afinal, desidealizar nossos mestres constitui mais uma ferida narcísica que, seguindo o ensino de Ferenczi, nos possibilita um fazer psicanalítico mais autêntico e transformador.

Nesta via, o encontro com a figura de Eugénie Sokolnicka se deu ao final de minha pesquisa de doutorado, na qual busquei salientar a proximidade entre alguns elementos conceituais presentes na teoria do trauma de Sándor Ferenczi e na Teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche (referência retirada para evitar identificação). De fato, a influência do pensamento de Ferenczi é hoje reconhecida nas diversas escolas psicanalíticas, talvez com maior nitidez nas perspectivas kleiniana e no middle group, mas também no pensamento de Lacan, notadamente no debate acerca das reformulações técnicas e nos postulados éticos, contudo de forma mais discreta nas elaborações sobre a chamada clínica do Real (Lugrin, 2015).

Atualmente, a pesquisa historiográfica tem descoberto documentos que materializam efetivamente uma influência direta de Ferenczi sobre Lacan, tal como atesta uma carta do psicanalista francês a Michael Balint, em 1953 (Szekacs-Weisz, 2023). Este último aspecto mobilizava meu interesse na época e, talvez ingenuamente, tentei verificar a possibilidade de uma transmissão direta do pensamento de Ferenczi no meio francês durante sua vida. Tal empreitada, não obstante, foi remodelada ao longo da pesquisa, porém com o desenvolvimento desta pude verificar melhor as turbulências históricas que marcaram o movimento psicanalítico pioneiro como também o estabelecimento da

psicanálise na França, analisando o *après coup* dos confrontos iniciais na própria relação entre Laplanche e Lacan, ou seja, um mal-estar na própria transmissão da psicanálise.

Todavia, a presença de um saber ferenciano na situação francesa da psicanálise, como denominado por Roudinesco (1989), chama também a atenção em outros autores, sendo reconhecida a ocorrência de um Ferenczi revival, ao final na década de 1950, através dos comentários de Vladimir Granoff (2001), seguido por trabalhos posteriores escritos em língua francesa que visavam não só resgatar o pensamento do autor, como também sua vital participação no movimento psicanalítico pioneiro (Barande, 1996; Bokanowski, 1997; Gorog, 2009; Haynal, 1995; Lugrin, 2012; Mészáros, 2024; Sabourin, 1988). Além desses contínuos movimentos de desaparecimento e retorno de Ferenczi (Haynal, 2002), bastante esmiuçados na literatura mencionada, o encontro com o nome de Sokolnicka numa simples nota de rodapé no livro de Phyllis Grosskurth (1992) sobre o círculo de Freud fomentou novamente o interesse em reaver a possibilidade de uma transmissão direta de aspectos do saber ferenciano na psicanálise francesa no momento de sua instauração nos anos 1920.

Ademais, a conturbada e trágica história de Sokolnicka na aventura que se configurou o estabelecimento da psicanálise na França instigou o interesse em recuperar seu papel nesta empreitada que, de certa forma, expõe as dificuldades vividas por certa categoria de mulheres naquele momento histórico, mulheres que encarnavam o reverso do ideal daquela sociedade e que figuravam como desagradáveis e inconvenientes. Para tanto, a proposta desta pesquisa de busca em arquivos possibilita aprofundar tal debate, agregando fontes testemunhais plasmadas em cartas, atas de reuniões e outros documentos históricos, de forma a trabalhar sobre as representações tecidas pelos participantes desta história, com seus conflitos, ambições e desacordos em relação à psicanálise.

Desafios científicos e os meios e métodos para superá-los: sobre o método e as (im)possibilidades da pesquisa

Numa pesquisa histórica, o acesso a documentos, arquivos e fontes primárias se torna imprescindível. Tal material engloba cartas, atas de reuniões, registros de endereço e de vinculação institucional, mas também a própria produção psicanalítica configurada nas formas de artigos e comunicações. Neste sentido, o acesso aos materiais se torna vital para a realização da pesquisa. Neste estudo, entretanto, houve dificuldades nesse acesso:

grande parte dos documentos de Sokolnicka foram perdidos e aqueles que ainda existem estão no formato manuscrito e no estrangeiro, o que demanda investimento financeiro. Portanto, um panorama geral tanto da busca pelos materiais desta pesquisa, quanto dos documentos disponíveis e acessados, encontra-se na situação descrita a seguir.

O percurso em busca dos materiais da pesquisa

Da produção psicanalítica de Sokolnicka foi encontrado uma quantidade razoável de seus artigos e comunicações na *Revue Française de Psychanalyse*, disponível no site Gallica/Bibliothèque Sigmund Freud (<https://www.spp.asso.fr/>). São eles: *Quelques problèmes de Technique Psychoanalytique* (1929), *Sur un cas de guérison rapide* (1932), *A propos de l'article de M. R. Laforgue* (1933) e o necrológio escrito por Pichon, publicado em 1934. Já o famoso artigo sobre o caso do menino de Misk, *Analysis of an Obsessional Neurosis in a child*, de 1922, somente foi encontrado no site PEP-Web, que resguarda as publicações do *International Journal of Psycho-Analysis*, disponível mediante a compra de um passe de 24 horas que possibilita baixar os arquivos vinculados a este. Nesta ocasião, aproveitei para verificar todas as publicações em que constavam o nome de Sokolnicka, como também fiz buscas sobre Sophie Morgenstern e André Gide. Além disso, foi encontrado um artigo de 1931, que é mencionado tanto por Sokolnicka quanto por René Laforgue, intitulado *Le dynamisme des névroses et la psychanalyse*. Já o trabalho de 1920, intitulado *On the diagnosis and symptomatology of the psycho-analytical theory of the neuroses*, deixou de constar nos arquivos da PEP-Web, não sendo possível de ser localizado para realização desta pesquisa.

Em relação as fontes primárias, não foi possível o acesso e a verificação desses materiais para a realização deste estudo, sendo apenas utilizadas fontes secundárias. No entanto, no percurso em busca desses materiais, houve notícias da existência de alguns documentos, como materiais resguardados por Roudinesco (1989) e Groth (2015). De Roudinesco tem-se uma entrevista com Étienne Pichon, algumas atas de reuniões da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e notícias de jornal, utilizadas para contextualizar a atmosfera sociopolítica que permeou a formação do grupo francês. De Groth tem-se alguns documentos de cartório, como a certidão de casamento de Sokolnicka, uma foto dela e outra de seu marido, e a tese de doutorado em biologia, intitulada *Kurs elementarny zoologii, botaniki i mineralogji*, escrita em 1906.

Além disso, sabe-se que a SPP disponibilizou uma lista de artigos e teses escritos sobre Sokolnicka, alguns disponíveis mediante compra, outros que constavam como manuscritos em bibliotecas universitárias na França, como é o caso do trabalho de Marie-Laurence Accarion, intitulado Eugénia Sokolnicka: forces e faiblesses de la première psychanalyste en France, que está fisicamente armazenado na biblioteca da Universidade de Caen (Accarion, 2001).

Há também um considerável material impresso na Biblioteca do Congresso norte-americano referente a Marie Bonaparte. São 33 contêineres de quatro metros por quatro, constando cerca de 6.500 documentos, dos quais há registros de correspondências trocadas com Pichon, Laforgue, Parcheminey, entre outros. Não há registro de Sokolnicka, apesar da bibliotecária responsável pelo setor, Lara Szypszak, ter informado que tais documentos não estão catalogados individualmente, ou seja, não há garantia de ter ou não algum documento de Sokolnicka ou mencionando-a (comunicação pessoal, 13 de agosto de 2019).

Conforme Groth (2015), Sokolnicka também trocou algumas cartas com Otto Rank. Em busca dos arquivos deste psicanalista, foi encontrado uma base de dados na Universidade de Columbia, cujo catálogo indica a existência de algumas cartas não identificadas. Esse material também se encontra apenas no formato manuscrito (Rowen, s.d.).

Através desta busca, observa-se que a ausência de documentos pessoais de Sokolnicka, assim como a falta de alguns artigos, destoam do rico material que existe de outros psicanalistas da época. Os pesquisadores com quem conversei (Yves Lugin, Michelle Moreau-Ricaud, Jaroslaw Groth, Elisabeth Roudinesco) alegam que as destruições da II Guerra são responsáveis por tal ausência. De fato, como atesta a pesquisa de Mijolla (1990), a ocupação alemã da França gerou, além dos estragos materiais, muitas baixas, como a morte precoce de Pichon, em 1940, e o suicídio de Sophie Morgenstern, já abalada na época pela morte de sua única filha e desamparada frente a perseguição nazista. Não obstante, nem tudo se perdeu, tanto que o trabalho de Mijolla (1990) versa justamente sobre o resgate de cartas de vários psicanalistas que comunicavam o cotidiano que enfrentaram durante os cinco anos belicosos.

É nesse âmbito que se encontram os principais obstáculos enfrentados durante a execução desta pesquisa: existiam arquivos, contudo insuficientes para analisar a transmissão de um estilo psicanalítico tipicamente ferencziano na situação inicial da psicanálise francesa.

Restou-se, portanto, o questionamento: por que não há arquivos suficientes sobre Sokolnicka?

(Des)caminhos metodológicos

Compreende-se que esta pesquisa foi balizada por uma série de cuidados, o primeiro deles, com o que Forrester (2015) chama de “fetichismo dos fatos”, característico de qualquer trabalho historiográfico. Para o autor, em se tratando da psicanálise, tal perigo é potencializado por riscos adicionais provenientes do próprio trabalho interpretativo veiculado pela psicanálise e que se liga, nestes casos, a um fazer histórico. Roudinesco (2006) observa o mesmo processo, o qual ela chama de “arquivo absoluto” e agrega outro risco: na ausência do arquivo, a história tende para a fantasia ou o delírio. Estes dois limites, o arquivo onipresente e o arquivo subsumido, indicam a necessidade do cuidado no historiar, seja em psicanálise ou não.

Mobilizada em “apagar o apagamento” de arquivos e textos desaparecidos de Lacan, Roudinesco (2006) se propôs a elaborar um estudo sobre a gênese de seu pensamento, trabalho erroneamente considerado por muitos como uma biografia do autor. Tal empreitada, que gerou a obra Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento, buscou rastrear as fontes documentais, entrevistar testemunhas ainda vivas do ensino de Lacan e reconstruir o autor: “um Lacan deduzido dos rumores e lendas, mas hipotético, uma vez que não garantido por um vestígio suficiente” (Roudinesco, 2006, p. 29).

Este modelo de trabalho, chamado por Mezan (2014) de sobredeterminante, posto que leva em consideração o emaranhado de coordenadas metodológicas (descritivas, interpretativas, epistemológicas) de alguma maneira flerta com outro método muito utilizado e debatido em psicanálise: o método indiciário de Carlos Ginzburg (1989). Trata-se aqui do trabalho sobre os vestígios do objeto de estudo, numa analogia já comum com o trabalho de “detetive”, o qual implica a atenção aos detalhes, numa estratégia de investigação que visa: “a procura de pistas residuais da passagem do objeto-fenômeno que poderão culminar na reconstrução criadora, ou melhor, dedutiva, de uma dada realidade” (Dionísio, 2018, p. 181).

Assim, a escolha por um método exclusivo de trabalho em história da psicanálise pode maximizar os riscos, ao invés de limitá-los. Para Simanke e Caropreso (2018, p. 60) uma abordagem combinada de métodos possibilita evitar o escamoteamento de certos

aspectos em detrimento de outros, por exemplo: “as limitações relativas da pesquisa exclusivamente conceitual internalista e da pesquisa exclusivamente histórica contextual”.

Neste sentido que Mayer, Leite e Padovan (2021) comunicam a elaboração que vem realizando sobre o uso de métodos complementares de pesquisa em história da psicanálise, a fim de conferir autenticidade a pesquisa, evitando-se tanto as hagiografias quanto o extremo abstracionismo conceitual. Outro elemento agregador no próprio desafio metodológico aqui imposto parte do trabalho de Frosh (2018) com o fenômeno da assombração em psicanálise, que versa tanto sobre os conteúdos recalçados dos quais a psicanálise busca tratar, como também dos lapsos e dilemas históricos não reconhecidos pela própria psicanálise institucional. Para o autor, o estudo histórico deve atentar para as dimensões vertical e horizontal, sendo a primeira relacionada ao tempo e na reemergência de fantasmas ativos de tempos passados e sua ligação com os traumas transgeracionais; já o segundo diz respeito a dimensão espacial e da teia de relações que esbarram na fronteira pessoal dos participantes do grupo.

Dessa maneira, o uso de métodos complementares foi a via mais adequada para a execução desta pesquisa, observando-se os pontos dialógicos propostos pelo método indiciário - especialmente no que diz respeito às ausências dos arquivos-testemunhas - da sobredeterminação que caracteriza a complexidade contextual da biografia da autora em articulação com o período histórico investigado e a análise conceitual. Esta última já impõe um desafio por si só, o qual é destacar da herança ferenciana o que caracteriza o pensamento do autor. As dimensões vertical e horizontal, propostas por Frosh (2018), vêm ao encontro da instrumentalização das análises desenvolvidas a partir dos dados encontrados, tendo como base a investigação documental e a realização do estudo e das traduções dos textos de Sokolnicka, cuja busca se voltou a caracterização do estilo ferenciano mencionado anteriormente.

Resultados e discussão

Estudos históricos e biográficos, em geral, recaem num extremo detalhismo. Irei evitar tal característica e apresentar, em linhas gerais, uma síntese dos dados biográficos mais importantes sobre Sokolnicka. Nascida Eugenia Kutner, na Varsóvia de 1884, oriunda de uma família judia de classe média, teve vários familiares envolvidos com as

turbulências políticas da Europa do século XIX. Seus pais foram fervorosos ativistas do movimento de independência da Polônia; seu avô participara das revoltas de 1830 e seu tio foi enviado para a Sibéria como castigo por incentivar rebeliões em 1863 (Groth, 2015; Pichon, 1934, Naszkowska, 2024).

Eugénie estudou ciências e biologia na Sorbonne na década de 1900, época em que conheceu seu futuro esposo, Michal Sokolnicki, e assistiu algumas aulas de Pierre Janet, a partir das quais suscitou seu interesse nos aspectos psicológicos do humano. Sua monografia escrita à mão faz parte dos poucos materiais de Sokolnicka encontrados pelo pesquisador Jaroslaw Groth (2015). De volta a Polônia, Eugénie casa-se com Sokolnicki, de quem irá se separar dez anos depois, por volta de 1911. Nesta época, depara-se com a psicanálise através de um estágio com Jung na clínica Burghölzli, que logo a recomendaria a realizar uma análise com Freud, por conta de seu divórcio. Sokolnicka passou por 3 meses de análise com Freud, tratamento interrompido abruptamente por discordâncias em relação aos custos. A partir daí, Freud irá expressar antipatia pela ex-paciente, apesar de reconhecer seu talento (Brabant-Gero & Falzeder, 2000; Groth, 2015; Moreau-Ricaud, 2011).

Encaminhada por Freud a continuar seu tratamento com Sándor Ferenczi, em Budapeste, por volta de 1913, numa análise que duraria cerca de dois anos, Sokolnicka rapidamente se interessa pela clínica com crianças, vertente do tratamento psicanalítico ainda em desenvolvimento na época. Um de seus poucos trabalhos que ainda nos restam foi o relato do tratamento de um menino obsessivo-compulsivo, de Minsk, no qual ela lançou mão da técnica ativa desenvolvida por Ferenczi (Ferenczi, 1921/2011; Groth, 2015; Moreau-Ricaud, 2011; Pichon, 1934; Roudinesco, 1989; Sokolnicka, 1922).

Apesar de ser considerada uma mulher de gênio difícil, Sokolnicka fora uma enviada de Freud para estabelecer a psicanálise em alguns países europeus, como a Polônia e a Suíça, empreitadas que fracassaram, provavelmente por coincidir com o período da I Guerra Mundial (Groth, 2015; Pichon, 1934). Porém, em 1921, retorna a França com a missão de estabelecer um grupo de estudos em Psicanálise, a fim de introduzir tal prática naquele país, se estabelecendo na rue de L'Abbé Gregoire, no 3, segundo o caderno de endereços da Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse ("Korrespondenzblatt der Internationalen Psychoanalytischen Vereinigung", 1921). Sokolnicka, rapidamente, retoma contato com grupos literários, dos quais já participara anteriormente, na época de sua formação em biologia (Groth, 2015; Moreau-Ricaud,

2011; Pichon, 1934). Vale salientar que os literatos franceses apresentavam uma abertura maior às ideias freudianas, com forte interesse dos artistas surrealistas acerca dos fenômenos inconscientes, em contrapartida a maneira ambivalente com que a psicanálise foi recebida na França (Roudinesco, 1989).

De fato, a psicanálise sofreu grandes reservas do público médico e acadêmico francês, sendo considerada por muitos como uma promiscuidade sem sentido. Não obstante essa não fosse a opinião geral, a introdução dessa também foi obstaculizada, em grande medida, pela questão da análise leiga, a qual era combatida no meio francês (Moreau-Ricaud, 2007; Roudinesco, 1989).

A princípio, Sokolnicka é recebida por Georges Heyuer, apoiador da psicanálise no país e chefe do Hospício de Sante Anne, no entanto, logo é rechaçada por Henri Claude por conta de sua formação não-médica. Ela se torna analista de vários médicos franceses, como Edouard Pichon, René Laforgue, Blanche Reverchon-Jouve, de sua conterrânea Sophie Morgenstern, como também de artistas, como Jacques Rivière e André Gide. Junto a estes últimos cria o Club des refoulés, o clube dos recalçados, no qual discutiam ideias psicanalíticas em articulação com suas produções literárias (Moreau-Ricaud, 2011; Roudinesco, 1989).

A análise com Gide dura pouco, mas o marca o suficiente para plasmar a figura de Sokolnicka no livro que escrevia na época: *Os moedeiros falsos*. Neste, observamos a Dra. Sophrosnika realizar o tratamento do personagem Boris, à semelhança do caso do menino de Minsk (Gide, 1983). Apesar do retrato que Gide pinta da Dra. Sophrosnika não ter agradado a Edouard Pichon (1934), temos esta obra como um dos poucos registros, mesmo que fictício, da figura da psicanalista. Ademais, os temas da obra se articulam às falsidades impregnadas nas relações sociais do grupo de amigos retratado no livro, como também do suicídio, lançando vias paralelas para a análise das relações estabelecidas no próprio grupo psicanalítico o qual Sokolnicka pertencia, além do suicídio como saída plausível para o sufocamento social que viria a caracterizar a França da década de 1930, sobretudo para as populações marginalizadas, das quais Sokolnicka estaria incluída.

Outro aspecto importante que o livro de Gide suscita é a possibilidade de verificar a forma como a psicanálise seria plasmada e divulgada pela literatura nesta fase ainda inicial, tal como no livro *A consciência de Zeno*, de Italo Svevo, que, segundo Amouroux

(2010), teve como inspiração a troca de correspondências entre o autor e Valerio Jahier, um dos primeiros pacientes de Marie Bonaparte. Além disso, chama-se a atenção encontrar um trecho do livro de Gide publicado na revista argentina *Revista de Psicoanálisis*, em 1945, como um exemplo de tratamento clínico com crianças.

Em 1926, Sokolnicka inaugurou a primeira sociedade de psicanálise na França, a *Société Psychanalytique de Paris (SPP)*, e também a primeira revista, a *Revue Française de Psychanalyse*, junto com Marie Bonaparte, René Laforgue e sua esposa Paulette, Rudolph Lowenstein, Edouard Pichon, René Allendy, Georges Parcheminey, Angelo Hesnard, Adrien Borel e Henri Codet (Bourguignon, 1991; Roudinesco, 1989). Na transição dos anos 1920-30, Sokolnicka participa de várias empreitadas relacionadas às primeiras traduções da obra freudiana. A partir de sua proximidade com o editor Gaston Gallimard, Sokolnicka recebe o aval de Freud para ser a consultora da tradução. Papel similar ela teria na realização de um primeiro dicionário de verbetes psicanalíticos, dos quais ela emitia pareceres e propunha traduções mais compatíveis com os conceitos de Freud (Moreau-Ricaud, 2011; Roudinesco, 1989).

Ao longo dos treze anos seguintes, a vida de Sokolnicka seria uma constante ladeira abaixo: pela condição de analista leiga, a decadência de sua clínica e as impossibilidades de um trabalho fixo acarretaram dívidas constantes. Nos últimos anos de vida, Sokolnicka habitou um apartamento emprestado por Pichon. Uma observação à parte: no caderno de endereços da *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* (Abraham, 1924), Sokolnicka habitava o número 30 da rue de Chevert, mesmo endereço que consta no *Bulletin of the International Psycho-Analytic Association* na data de 1933, um ano antes de sua morte (“List of Members of the International Psycho-Analytical Association”, 1933). Se este era o endereço do apartamento emprestado por Pichon ou outro, não foi possível descobrir. Apesar do antissemitismo dele, a relação de Sokolnicka com Pichon foi uma das mais constantes na França, tal como se observa no necrológi que ele viria a dedicar a ela quando de sua morte (Pichon, 1934). Sokolnicka se suicida em 15 de maio de 1934, praticamente um ano após a morte de seu mestre Ferenczi. As reais motivações para tal ato são desconhecidas, mas seus estudiosos sugerem a falência financeira, o crescente antissemitismo europeu e a morte de Ferenczi como catalisadores deste desfecho (Groth, 2015; Moreau-Ricaud, 2011).

São estes os dados que podem ser verificados em artigos ou capítulos de livros dedicados a Sokolnicka, variando no grau de detalhamento. Destes, apenas uma

recordação traz um caráter mais pessoal e humanizador desta figura: a lembrança da filha adolescente de um casal de amigos poloneses, Hanka, com quem Sokolnicka gostava de fazer caminhadas e a deixava brincar com seus sete gatos, atitude que despertava a admiração da jovem em comparação com sua própria mãe, que detestava os animais. A jovem, que mais tarde se tornaria conhecida como Hanna Segal, ainda chegara a ganhar um precioso presente de Eugénie: uma carta do próprio Freud. Da carta não temos notícia, mas na idade adulta, Segal se lembraria de Sokolnicka como uma mulher triste e vaidosa, extremamente obcecada por homens. De fato, ela se recorda de uma visita de Sokolnicka a seus pais na Polônia acompanhada por um de seus pacientes na época, o editor francês Gaston Gallimard, que parecia “caído de amores por ela” (Quinodoz, 2008). Apesar da transferência já estar conceituada na época, é notória a prática da análise entre pessoas de relações estreitas, fossem familiares, amantes ou amigos, tal como a própria história de Ferenczi atesta, com suas relações conturbadas tanto com Elma Pallos, quanto com o próprio Freud (Aron, 1998; Falzeder, Brabant, & Giampieri, 1994; Lugin, 2017).

Além dos aspectos transferenciais emaranhados na trajetória de Sokolnicka, sua história remete também a outros problemas importantes tanto na constituição da psicanálise enquanto movimento institucional e sua instauração no meio francês, como também a questões pertinentes para a psicanálise contemporânea, como as relações de poder e disputas inerentes a qualquer agrupamento humano. De fato, o próprio Ferenczi (1911/1991) chamou a atenção para tais dilemas, quando defende a proposta de formação de um grupo institucional psicanalítico.

Da herança ferencziana condensada em Sokolnicka

Dos documentos e materiais encontrados neste estudo, pode-se constatar alguns traços do estilo e conceitos de Ferenczi presentes nos escritos de Sokolnicka.

O primeiro aspecto diz respeito a adesão da psicanálise no meio intelectual judaico europeu, como o próprio Freud (1924/1996) reconhecia e, de certa forma, se preocupava. O devir judeu, como salientou Fuks (2003), levava a busca permanente pelas experiências de estrangeiridade, num processo de oposição a maioria compacta que, para Freud, levaria à autonomia do pensamento. Este aspecto, plasmado no caráter nômade da construção do saber psicanalítico (Kupermann, 2008), do qual Sokolnicka encarnou concretamente, a partir de suas empreitadas fracassadas em instaurar a psicanálise em outros países e ao movimento de deslocamento que as populações europeias, não raros judeus,

emprendiam naqueles tempos, em geral, mais por necessidade de proteção ou busca por reconhecimento identitário. Este movimento leva a pensar sobre os constantes processos de desautorização (Kupermann, 2017) que incidiram sobre ela, já que Sokolnicka plasmava em sua figura um número considerável de atributos vulneráveis naquele contexto: mulher divorciada, judia-polonesa, não-médica.

Além disso, a busca pelos ideais de independência e justiça social que levaram à luta política as gerações precedentes marcou tanto Sokolnicka quanto Ferenczi, cujo pai, polonês de origem, emigrou para a Hungria para participar da revolução de 1848, mobilizada pelo desejo de sair da subjugação do Império Austríaco (Sabourin, 1988).

O segundo aspecto seria a relação entre psicanálise, grupos literários e a política institucional da psicanálise, já que tanto Ferenczi quanto Sokolnicka mantiveram em vida fortes laços de amizade e intermediaram relações entre os grupos psicanalíticos e o meio literário e editorial. De Ferenczi, temos os elementos biográficos que indicam sua criação submersa no meio da literatura, primeiro pelos negócios familiares (Sabourin, 1988), depois por suas relações de amizade, analisadas por Moreau-Ricaud (2009), como uma espécie de retroalimentação entre literatura e psicanálise; como também por seu interesse na arte da escrita, da qual se iniciou ainda adolescente e cujos poemas, encontrados através da pesquisa histórica, estão em vias de publicação (Gutiérrez-Peláez, 2013). Vale salientar que Ferenczi teve como um de seus principais papéis no meio psicanalítico a difusão de ideias em artigos e palestras, e que intermediou o relacionamento entre Freud e Anton von Freund, rico cervejeiro húngaro, que patrocinou por anos as publicações da Internationale Psychoanalytische Verlag (Mészáros, 2014).

Do lado de Sokolnicka, temos a participação no grupo dos Refoulés, como também sua relação com o editor Gaston Gallimard e a atuação junto as primeiras traduções da obra freudiana para o francês, como também de um dicionário de verbetes (Roudinesco, 1989). É interessante notar como, apesar de todas as desautorizações sofridas por Sokolnicka, até o fim da vida, ela plasmava, no grupo francês, o reconhecimento da autoridade teórica e clínica outorgada por Freud.

Por fim, o estudo histórico permitiu testemunhar os aspectos polissêmicos do professor de psicanálise, papel historicamente ocupado pela primeira vez por Ferenczi no âmbito universitário, durante alguns meses na Hungria, mas também papel de Sokolnicka perante o grupo francês, em seu papel de emissária do mestre no novo território. Condensação

que aglutina duas das profissões impossíveis identificadas por Freud e que lança problemáticas diversas: das transferências que se entrecruzam na própria transmissão do saber (Kupermann, 2008; Lugin, 2012); das dificuldades de transmitir conteúdos que mobilizam defesas pessoais; da articulação entre transmissão, elaboração de conceitos e técnicas, especialmente no momento histórico pioneiro; da abertura universitária ao saber psicanalítico e do alcance da transmissão, através da formação de discípulos e nas análises realizadas.

Nesta via, Sokolnicka desempenhou o duplo papel na transmissão psicanalítica de forma didática: nas conferências que ministrava e nas análises que conduzia. Do primeiro ponto, as comunicações didáticas, temos como exemplo seu extenso artigo *Quelques problèmes de technique psychanalytique*, de 1929, no qual pode-se verificar a herança ferencziana presente na autora, mesmo que estas ocorram de forma implícita. Neste, observa-se o estilo professoral de Sokolnicka em participar aos demais membros da SPP os principais conceitos freudianos, incluindo as “novidades” ainda não traduzidas para o francês sobre o complexo de Édipo. Da parte de Ferenczi, é nítido na autora a defesa de uma problematização das ideias de normalidade e patologia, o interesse pelos fenômenos regressivos, a insistência do cuidado do analista na lida com seus pacientes e menções aos fenômenos psicossomáticos. Sokolnicka, tal como o mestre, defendia o poder compensatório do amor diante do árduo trabalho de análise, como também de uma postura acolhedora da narrativa do paciente, evitando-se ao máximo o excesso interpretativo da parte do terapeuta. Aqui, pode-se identificar rastros da concepção de analista como testemunha, tal como a pesquisa ferencziana atual vem demonstrando (Baracat, Abrão, & Martínez, 2020; Kupermann, 2017; Mészáros, 2024).

Na dimensão terapêutica-transferencial, a caça por artigos e documentos que tragam algum testemunho de seus analisandos é parte do fazer histórico desta pesquisa, não obstante, alguns achados já elucidem alguns pontos cegos sobre a atuação da psicanalista. Exemplo disso é o necrológio escrito por Pichon (1934) que, apesar de sua própria visão anátomo-fisicalista dos conceitos psicanalíticos, soube transmitir perfeitamente as noções freudianas aprendidas com ela (Roudinesco, 1989). De Laforgue, se encontra uma breve menção sobre Sokolnicka em carta dele para Freud, dentre os documentos analisados por Mijolla (1990).

É justo na dimensão do esquecimento que remete o incômodo de sua ausência documental, posto que fora analista de praticamente todos os psicanalistas da primeira

geração francesa, e mesmo os testemunhos nos parecem parcos. Neste sentido, reflete-se justamente sobre o processo de desautorização vivenciado em diversas instâncias por Sokolnicka, que teriam levado, a princípio, ao descaso na manutenção de arquivos e documentos pessoais, que ela provavelmente tinha, e conseqüentemente, ao seu esquecimento, tal como a situação atual indica.

Toma-se como base para esta reflexão, o artigo de Moreau-Ricaud (2011) em que ela compara as trajetórias de Sokolnicka e de Marie Bonaparte na situação inaugural da psicanálise na França. Apesar das semelhanças, mulheres divorciadas e analistas não-médicas, a posição social e as condições materiais da última lhe permitiu um destino mais tranquilo, tornando-se a líder do movimento francês praticamente logo após sua entrada, em 1925, a despeito dos esforços de Laforgue em ocupar tal espaço.

Seria difícil acreditar que Sokolnicka não mantivesse algum registro, fosse de pacientes, fosse de seus estudos, ou mesmo as trocas de cartas e postais que caracterizavam a comunicação geral da época. Enquanto autora, fico imaginando uma pequena caixa repleta de materiais que provavelmente ninguém teve interesse em guardar. Ou se guardou, ninguém tem notícia. Infelizmente, não há outras possibilidades no momento a não ser lançar mão a tais especulações e reflexões, além da esperança de se apontar para um campo de pesquisa em aberto.

Considerações finais

Como visto, o processo de desautorização vivenciado por Sokolnicka ainda em vida acarretou a situação atual de apagamento quase completo de seus documentos, que nos serviriam aqui como testemunha desta jornada trágica. Em articulação com este processo, tem-se o esquecimento institucional em potencial, posto que a busca por qualquer documento, carta ou texto perdido se mostrou desanimadora.

Além do mais, historizar sobre Sokolnicka também se enquadra na perspectiva historiográfica do período funesto que permeou a II Guerra Mundial, seus antecedentes e conseqüências, caracterizados pela intolerância à diferença, aos mecanismos totalitários de poder e a sistematização de segregações. Hoje sabemos que a experiência passada não nos previne de repetições futuras, ainda mais em nosso período político social polarizado que flerta constantemente com o fascínio fascista.

4- Considerações finais

Estes foram os resultados da presente pesquisa, não obstante achados recentes (artigos veiculados na internet e a divulgação de uma pesquisa realizada por Klara Nazkowska) possibilitem sua continuidade posterior. Atualmente, a pesquisa na área da historiografia da psicanálise, brasileira e internacional, tem ganhado relevância e gerado maior interesse, com vários autores atuando neste campo, desenvolvendo trabalhos tanto sobre autores pioneiros, como foi este caso, quanto autores de países fora do eixo eurocêntrico.

Isto demonstra que a história de um campo de atuação/teoria deve ser contextualizado e seu percurso discutido dentro de uma ótica realista e idiossincrática, de forma a se analisar os alcances e esquecimentos produzidos em determinado grupo, como é o caso da psicanálise. Desde a proposta de uma institucionalização do movimento psicanalítico esta problemática se fez presente e atravessa nossos tempos. Em termos práticos, podemos questionar o por quê da prevalência de certas leituras da obra de Freud em detrimento de outras. O por quê da popularização de certos autores em detrimento de outros. Ou até mesmo como esta popularização pode se configurar como um modismo balizado muito mais por interesses narcísicos e econômicos do que por uma relação legítima com o pensamento deste.

Por fim, lançar à luz sobre o esquecido/recalcado é uma proposta freudiana da qual não podemos abrir mão, retomando a dimensão ética do reconhecimento da postura psicanalítica que baliza a relação de cada um de nós com nossa prática.

REFERÊNCIAS

ARTIGO 1

Brabant, Eva; Falzeder, Ernest; Giampieri-Deutsch, Patrizia;. (2000). The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi, vol 3, 1920-1933. London: The Belknap Press of Harvard University Press.

Câmara, L. (2021). Ferenczi e a Psicanálise: corpo, expressão e impressão. São Carlos: EDUFSCAR.

Debreuille, J.-Y. (1994). La psychanalyse en question dans Les faux-monnayeurs. Semen , 9.

Ferenczi, S. (1926/2011). O problema da afirmação do desprazer. In: S. Ferenczi, Psicanálise III (Á. Cabral, Trad., pp. 431-444). São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1920/2011). Prolongamentos da "técnica ativa" em psicanálise. In: S. Ferenczi, Psicanálise III (Á. Cabral, Trad., pp. 117-135). São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1908/2011). Psicanálise e pedagogia. In: S. Ferenczi, Psicanálise I (Á. Cabral, Trad., pp. 39-44). São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1912/2011). Sintomas transitórios no decorrer de uma análise. In: S. Ferenczi, PSicanálise I (Á. Cabral, Trad., pp. 185-196). São Paulo: Martins Fontes.

Gide, A. (1945). André Gide describe un psicoanálisis infantil. Revista de Psicoanálisis , 757-759.

Gide, A. (2009). Os moedeiros falsos. (M. Laranjeira, Trad.) São Paulo: Estação Liberdade.

Groth, J. (2015). Eugenia Sokolnicka- A contribution to the history os Psychoanalysis in Poland and France. *Psychoanalysis and History* , 17 (1), pp. 59-86.

Moreau-Ricaud, M. (2011). Eugénie Sokolnicka et Marie Bonaparte. *Topique* , 2 (115), pp. 83-92.

Pichon, E. (1934). Eugénie Sokolnicka. *Revue Française de Psychanalyse* , pp. 588-603.

Pinheiro, T. (1995). Ferenczi: do grito à palavra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ.

Roudinesco, E. (1989). História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos. (Vol. 1). (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.

Sokolnicka, E. (1920). Analyse einer infantilen Zwangsneurose. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* , 15 (6), 228-241.

Sokolnicka, E. (1922). Analysis of an obsessional neurosis en a child. *The International Journal of Psycho-Analysis* , 3 (3), 306-319.

ARTIGO 2

Abraham, K. (1924). Korrespondenzblatt der Internationalen Psychoanalytischen Vereinigung. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 10, 105-120.

Accarion, M. L. (2001). Eugénia Sokolnika (1884-1934): forces et faiblesses de la première psychanalyste en France. Caen, França: Université de Caen.

Amouroux, R. (2010). Marie Bonaparte, her first two patients and the literary world. *The International Journal of Psychoanalysis*, 91(4), 879-894. <https://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2010.00278.x>

Aron, L. (1998). "Yours, thirsty for honesty, Ferenczi": some background for Sándor

Ferenczi's pursuit for mutuality. *The American Journal of Psychoanalysis*, 58(1), 5-20.
<https://doi.org/10.1023/A:1022517830798>

Baracat, J. (2017). *Do trauma da sedução a sedução traumática: diálogos entre Sándor Ferenczi e Jean Laplanche* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Assis.

Baracat, J., Abrão, J. L. F., & Martínez, V. C. V. (2017). Confusões de línguas entre Freud e Ferenczi: trauma, sedução e as contribuições de Jean Laplanche. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 33, 68–89.

Barande, I. (1996). *Sándor Ferenczi*. Paris, França: Payot.

Bokanowski, T. (1997). *Psychanalystes d'aujourd'hui: Sándor Ferenczi*. Paris, França: PUF.

Bourguignon, A. (1991). Memorial. In A. Bourguignon, *O conceito de renegação em Freud* (V. Ribeiro, Trad., pp. 26-44). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Brabant-Gero, E., & Falzeder, E. (Ed.). (2000). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: 1920-1933*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Dionísio, G. H. (2018). Da pesquisa psicanalítica como estratégia do detalhe: ensaio sobre um "método". In L. Fulgencio, J. Birman, D. Kupermann, & E. L. Cunha (Orgs.), *Modalidades de pesquisa em Psicanálise: Métodos e Objetivos* (pp. 178-191). São Paulo, SP: Zagodoni.

Falzeder, E., Brabant, E., & Giampieri, P. (Orgs.). (1994). *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência 1908-1911 e 1912-1914* (Vol. I e II) (C. Cavalcanti, & S. K. Lages, Trans.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Ferenczi, S. (1991). Anatole France, psicanalista. In S. Ferenczi, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., pp. 121-128). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1911)

Ferenczi, S. (2011). Prolongamentos da "técnica ativa" em psicanálise. In S. Ferenczi, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 117-136). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1921)

Ferenczi, S. (1991). Sobre a história do movimento psicanalítico. In S. Ferenczi, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., pp. 145-154). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1911)

Forrester, J. (2015). [Editorial]. *Psychoanalysis and History*, 17(1), 1-5.

Freud, S. (1996). As resistências à Psicanálise. In S. Freud, *Edição standard das Obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XIX, pp. 235-247). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

Frosh, S. (2018). *Assombrações: psicanálise e transmissões fantasmagóricas* (C. I. Nakagawa, Trad.). São Paulo, SP: Benjamin Editorial.

Fuks, B. B. (2003). Psicanálise, judeidade, alteridade: um estudo sobre Freud e a judeidade. In M. O. França, *Freud: A cultura judaica e a modernidade* (pp. 41-56). São Paulo, SP: Editora Senac.

Gide, A. (1945). André Gide describe un psicoanálisis infantil. *Revista de Psicoanálisis*, 2(4), 757-759.

Gide, A. (1983). *Os moedeiros falsos* (C. Portocarrero, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.

Ginzburg, Carlo. (1989). *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história* (F. Carotti, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Gorog, J.-J. (2009). *Ferenczi après Lacan*. Paris, França: Hermann Éditeurs.

Granoff, W. (2001). Lacan, Ferenczi et Freud. Paris, França: Gallimard.

Grosskurth, P. (1992). O comitê secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise (P. Rosas, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Groth, J. (2015). Eugenia Sokolnicka - A contribution to the history of Psychoanalysis in Poland and France. *Psychoanalysis and History*, 17(1), 59-86. <http://doi.org/10.3366/pah.2015.0160>

Gutiérrez-Peláez, M. (2013). Sándor Ferenczi y la intelectualidad hungara del siglo XX. *Afecto societatis*, 10, 1-12. <https://doi.org/10.17533/udea.affs.16289>

Haynal, A. (1995). A técnica em questão, controvérsias em psicanálise: de Freud e Ferenczi a Michael Balint (G. G. Almeida, Trad.). São Paulo, SP: Casa do psicólogo.

Haynal, A. (2002). *Disappearing and reviving: Sándor Ferenczi in the history of Psychoanalysis*. Londres: Karnac.

Kupermann, D. (2017). A "desautorização" em Ferenczi: do trauma sexual ao trauma social. In D. Kupermann, *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático* (pp. 47-54). São Paulo, SP: Zagodoni.

Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidados e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Kupermann, D. (1996). *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*. Rio de Janeiro, RJ: Revan.

Lugrin, Y. (2017). *Ferenczi sur le divan de Freud: une analyse finie?* Paris, França: Campagne Première.

Lugrin, Y. (2012). *Impardonnable Ferenczi: malaise dans la transmission*. Paris, França: Campagne Première.

Lugrin, Y. (2015). Lacan and Ferenczi: paradoxical kinship? *The American Journal of Psychoanalysis*, 75(1), 86–93. <https://doi.org/10.1057/ajp.2014.59>

Mayer, A., Leite, G. A., & Padovan, C. (2021). Escrever a história da psicanálise. *Eleuthería - Revista do Mestrado Profissional em Filosofia da UFMS*, 6(Especial), 352 - 374. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/14593>

Mészáros, J. (2010). Building block toward contemporary trauma theory: Ferenczi's paradigm shift. *The American Journal of Psychoanalysis*, 70(4) 328-340. <https://doi.org/10.1057/ajp.2010.29>

Mészáros, J. (2014). *Ferenczi and beyond: exile of the Budapest school and solidarity in the Psychoanalytic movement during the Nazi years*. Londres: Karnac.

Mészáros, J. (org.) (2024). *Em memória de Sándor Ferenczi*. São Paulo: INM Editora.

Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das letras.

Mijolla, A. (1990). A psicanálise e os psicanalistas na França entre 1939 e 1945. *Revista Internacional de História da Psicanálise I*, 147-198.

Moreau-Ricaud, M. (2007). Profession psychanalyste?. *Topique*, 4(101), 51-59. <https://doi.org/10.3917/top.101.0051>

Moreau-Ricaud, M. (2009). Budapest années 1900. Rencontre de la psychanalyse et de la littérature. Em J. J. Gorog, *Ferenczi après Lacan* (pp. 23-33). Paris: Hermann Éditeurs.

Moreau-Ricaud, M. (2011). Eugénie Sokolnicka et Marie Bonaparte. *Topique*, 2(115), 83-92. <https://doi.org/10.3917/top.115.0083>

Naszkowska, K. (org.) (2024). *Early women psychoanalysts: history, biography, and contemporary relevance*. London and New York: Routledge.

Pichon, E. (1934). Eugénie Sokolnicka. *Revue Française de Psychanalyse*, 7(4), 588-603.

Rachman, A. (2018). *W. Elizabeth Severn: the “evil genius” of psychoanalysis*. Nova York, NY: Routledge,

Roudinesco, E. (2006). *A análise e o arquivo* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Roudinesco, E. (1989). *História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos* (Vol. 1, V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Rowen, H. (s.d.). *Otto Rank Papers 1903-1940*. Recuperado de <http://www.columbia.edu/cu/lweb/eresources/archives/rbml/Rank/>

Korrespondenzblatt der Internationalen Psychoanalytischen Vereinigung. (1921). *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 516-532.

List of Members of the International Psycho-Analytical Association. (1933). *Bulletin of the International Psycho-Analytic Association*, 526-538.

Bibliothèque Sigmund Freud. (2019). *Société Psychanalytique de Paris*: Recuperado de <https://www.spp.asso.fr/>

Sabourin, P. (1988). *Sándor Ferenczi, paladino e grão-vizir secreto* (L. C. Costa, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Simanke, R. T., & Caropreso, F. (2018). Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In L. Fulgencio, J. Birman, D. Kupermann, & E. L. Cunha (Orgs.), *Modalidades de pesquisa em Psicanálise: Métodos e Objetivos* (pp. 55-68). São Paulo, SP: Zagodoni.

Sokolnicka, E. (1922). Analysis of an obsessional neurosis in a child. *The International Journal of Psychoanalysis*, 3, 306-319.

Sokolnicka, E. (1929). Quelques problèmes de Technique Psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*, 2-49.

Sokolnicka, E. (1932). Sur un cas de guérison rapide. *Revue Française de Psychanalyse*, 5(3), 440.

Sokolnicka, E. (1933). A propos de l'article de M. R. Laforgue. *Revue Française de Psychanalyse*, 3-4.

Szekacs-Weisz, J. (2023). *Michael Balint and his World: The Budapest Years*. Nova York, NY: Routledge

